

4

Análise de dados

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

(Carlos Drummond de Andrade, 1980)

Neste capítulo analisaremos a oralidade, a narratividade e as metáforas do texto jornalístico, como previsto pelo nosso título e pelos objetivos. Dividiremos o capítulo em quatro partes. No primeiro item (4.1), agruparemos os recursos de linguagem oral observados. Nos dois seguintes itens (4.2 e 4.3), destacaremos os recursos discursivos, a partir de Halliday (1997), Fowler (1991) e outros que julgamos pertinentes. Os dois últimos itens (4.4 e 4.5) se dedicam à metáfora, especificamente os dois tipos de metáforas que nos propomos a observar: as *metáforas estruturais* e as *metáforas semióticas*.

Junto de cada enunciado estaremos especificando as iniciais que caracterizam o tipo de reportagem. No enunciado número 1, por exemplo, onde se lêem as iniciais *CH*, entre parênteses, trata-se de uma *chamada* para o bloco seguinte de notícias (as demais abreviaturas encontram-se explicadas na Legenda, na página 08).

4.1

Recursos da oralidade

Vejamos mais uma vez como Roger Fowler (1991) situa a questão da oralidade no texto telejornalístico (ver item 1.5.2):

O jornal precisa ter um estilo vivo porque se oferece como uma marca de entretenimento e, ao mesmo tempo, precisa disfarçar o fato de que é uma forma de discurso institucional. O instrumento fundamental para diminuir esse vão

discursivo é conseguido pela promoção de modelos orais no texto escrito, dando a ilusão de conversa, em que se fala do senso comum, sobre assuntos em que há consenso... a negociação de um estilo apropriado ao público-leitor, com o qual os leitores-alvo se sintam confortáveis (Ikeda, 2005, p.53).

Para atingir esta ilusão de conversa apontada por Fowler, observamos, em nossos dados, o uso de: a) palavras denotativas; b) pausas de ênfase; c) perguntas (ou expressões de dúvida); d) expressões idiomáticas; e) escolha lexical de repertório oral; f) recursos prosódicos (de ritmo e pronúncia).

Apresentamos, a seguir, como cada um destes recursos é utilizado no telejornal.

a) Palavras denotativas: *já; bem; mal...já; de novo; até; ainda; só; apenas:*

Na gramática tradicional, de inspiração aristotélica, palavras como *já* e *bem* são tidas como advérbios, marcando idéias como de *tempo* e de *modo*. Mas estas palavras indicam também singularidades, subjetividades, e exprimem sentimentos como *impaciência, denúncia, lamento, julgamento*. No exemplo 01, abaixo, uma chamada para o bloco seguinte de notícias, não podemos dizer que a palavra *já* exerça apenas uma função adverbial clássica:

01. (CH) *Deputados e senadores recém-eleitos **já** começam a trocar de partido.*

Numa visão funcionalista, tais palavras podem ser reinterpretadas, não mais como representantes das classes tradicionais, mas como palavras significativas, ou palavra *que denotam*, ou significam mais do que sua definição clássica, e causam este ou aquele efeito, conforme o contexto em que aparecem. No nosso exemplo, existe em *já* a idéia de tempo, mas também de recorrência do fato, e o efeito causado é de denúncia de um problema nacional antigo. Fica a inferência de que os deputados só esperaram ser nomeados para começar a mudar de partido.

Este uso é característico da linguagem oral, onde os falantes/ouvintes compartilham de um pré-entendimento, um conhecimento de mundo comum. Só a

partir deste entendimento comum tais termos podem ser empregados sem receio de não serem compreendidos. O discurso telejornalístico pode se valer de tais recursos lingüísticos exatamente em reportagens cujos temas são contextos culturais compartilhados.

Quando este tema volta, no corpo do programa, ganha o *selo*, um desenho do Congresso Nacional, visto de longe. No texto, a palavra denotativa *já*, vista no momento anterior, ganha a companhia de *mal*, no início da frase:

02. (S) *E mal acabaram de tomar posse, deputados e senadores já começaram a trocar de partidos.*

As palavras denotativas enfatizam uma denúncia ao comportamento dos deputados e a um sistema político, questionável e previsível (o *aspecto verbal*, de fato recém-acontecido, em *acabaram de tomar posse*, enfatiza a denúncia).

Na reportagem sobre atrasos de vôos nos aeroportos brasileiros, a palavra *bem* é denotativa de impaciência e de denúncia. É uma palavra denotativa, não apenas um advérbio:

03. **Bem** *no horário de pico foram mais de 50 atrasos (...), situação que aumenta as preocupações com o carnaval.*

Também dentro deste tema da crise aérea brasileira, veja-se o efeito que as palavras *já* exercem no exemplo número 119.

Outras palavras denotativas serão encontradas também, e comentadas, nos exemplos de número 97 (*até*), 101 (*ainda*) e 114 (*apenas*).

b) Pausas de ênfase:

Não é adequado ao gênero telejornalístico abandonar um tom de voz intermediário, equilibrado, sóbrio. Tampouco é possível, atualmente, enunciar notícias num tom de voz sempre linear, por mais que seja este o padrão inicial da locução. Por isso, entendemos que os locutores lançam mão de uma pausa no discurso, quando querem enfatizar um termo anterior ou posterior, para realçar seu significado (ou, no mínimo, sua condição de *signo interpretante*). O resultado

final é que o volume de voz da palavra que se quer realçar acaba diferenciado, seja para mais volume, ou para menos.

Lembrando que nós marcamos as pausas aqui com o símbolo [...], vejamos aquelas encontradas, com ênfase na palavra posterior:

04. (RV) *A OAB já identificou casos de professores-fantasma, faculdades que não ofereciam sequer [...] salas de aula para os alunos.*

A pausa enfatiza o termo seguinte, *salas de aula*, caracterizando uma denúncia. Ela sugere um julgamento sobre algumas faculdades.

Este é um exemplo onde a pausa também tem outra função, a de fazer a imagem funcionar como texto, pois, no momento da pausa, a imagem mostrada é a de salas de aula sem paredes, improvisadas e ao ar livre.

A imagem, entretanto, mesmo funcionando como texto antecipador de um texto escrito, que o confirma em seguida, terá aqui uma função apenas de *ícone*, ou seja, assemelhar-se ao objeto retratado, funcionando somente como ilustração do texto, sem se colocar em relação a ele de maneira semiótica diferente.

05. (CH) *A forte chuva provoca inundações em São Paulo e fecha [...] de novo o aeroporto de Congonhas.*

Esta acentuação será interpretada por nós como uma demonstração de impaciência, por parte do jornalista, uma impaciência tirada das imagens feitas nos aeroportos do Brasil, nas reportagens onde os cidadãos retratados têm dificuldades para viajar.

Vemos a mesma pausa de ênfase, com teor de impaciência e denúncia, na expressão *de novo*, no exemplo 06, e a seguir, na expressão *cinco vezes*:

06. (NP) *A chuva forte fechou hoje por [...] cinco vezes a pista principal do aeroporto de Congonhas.*

No próximo exemplo, há ênfase no termo posterior, *aborrecidos*. Isto se justificaria pelo fato deste adjetivo também não fazer parte do repertório jornalístico, deixando também uma inferência de comentário de ironia.

07. (NP) *Os desfiles das Escolas de samba que nós conhecemos hoje foram inspirados em festas grandiosas, promovidas por reis europeus que andavam [...] aborrecidos, entediados.*

Outros exemplos:

08. (RV) *As letras ainda são um mistério para a menina de 12 anos. Analfabeta (...) Ela mora dentro de uma escola pública [...] abandonada.*

09. (RC) *Pequim já mostra as cores das Olimpíadas, menos [...] o azul do céu (...) Aqui, o sol nasce derrotado todos os dias.*

Pausa de ênfase na palavra anterior:

10. (RC) *Mas [...] nem todos comemoram...*

Neste enunciado, a pausa enfatiza a palavra anterior *mas*, acentuando sua tendência de idéia adversativa.

Como sabemos, as pausas não marcam apenas acentos entonativos, sendo variados os seus efeitos no discurso, como *ironia* (ver exemplo 101) e *denúncia* (exemplo 130), ou para ceder espaço à câmera e às imagens, que querem “falar” no lugar do texto (exemplo 131).

c) Perguntas ou expressões de dúvida:

Perguntas, que num contexto comunicativo são feitas pensando-se numa resposta de um interlocutor, também não são típicas da linguagem informativa. São utilizadas como um recurso de aproximação com o telespectador, pela simulação de uma conversa. Assim, sobre um campeonato de motocross:

11. (RV) *Quem precisa de asas, se tem duas rodas para voar?*

E nestas duas *chamadas internas*:

12. (CH) *Daqui a pouco, a discussão sobre as contas da Previdência. Tem déficit ou não tem?*
13. (CH) *A seguir, uma disputa nacional: qual estado faz o melhor carnaval? (NP) A disputa é grande. Quem é que faz o melhor carnaval do Brasil? / Eu não sei, porque cada região tem o seu valor.*

Notamos também o uso de *perguntas retóricas*, aquelas que são respondidas pelo próprio repórter. Este recurso evidenciaria uma estrutura narrativa, uma intenção narrativa, uma tentativa explícita de aproximação, ainda que todos os envolvidos saibam que a resposta final será da televisão. São exemplos de perguntas retóricas os exemplos 14 e 15, a seguir:

14. (P) *Faltou dinheiro, que o INSS foi pegar no tesouro, nos impostos que todos pagamos (...) 42 bilhões (...) Rombo, déficit? O governo diz que não.*

O uso da primeira pessoa do plural, em *todos pagamos*, confirma o que dissemos anteriormente sobre a inserção do próprio jornal na cidadania. A pergunta que se segue eleva a tentativa de uma conversação oral. Quando o repórter se deixa perguntar sobre o significado de uma ação do governo – *rombo, déficit?* – ele chama a atenção do telespectador mais de uma vez: primeiro, pela própria expectativa da resposta; segundo, pela raridade do recurso indagativo do discurso jornalístico factual, usando uma *pergunta retórica*. Através da resposta que lhe dá o próprio jornalista – *o governo diz que não* – percebe-se a sugestão de uma oposição ao Governo e uma posição ao lado dos cidadãos.

Vemos que o telejornal não se exclui de fazer a crítica à versão oficial dos fatos. E de instalar pequenas polêmicas – *déficit ou rombo* –, assumindo um caráter de *ameaça à face* do Governo – segundo a Teoria da Polidez (Cf. Brown

& Levinson, 1987). O Governo, em resposta ao que foi transcrito no exemplo 14, acima, quer *preservar sua face*, que quer ser *positiva*:

15. (E) *Não vamos desqualificar, não é? Não vamos chamar de rombo, não é?(...) Esse montante (...) permanecerá estável para os próximos 4,5 anos. Portanto, não há nada explosivo nisso* (N.M., Ministro da Previdência).

Lembramos que há uma distinção de valores, no nosso consenso, entre as palavras *déficit*, que é neutra, e *rombo*, que é negativa,, com as quais o telejornal polemiza um fenômeno, embora indiretamente, querendo negativizar a versão do governo. Logo a seguir, a repórter diz que, a partir do que afirma a maioria dos analistas, “*o rombo nas contas públicas vai continuar o mesmo*”.

O próximo enunciado também carrega a marca da ironia, uma vez que seu conteúdo diz que Rio de Janeiro e São Paulo destroem menos a mata atlântica do que outros estados, pela razão de não terem muito mais a desmatar:

16. (NP) *E sabe por quê? Não, não é porque cariocas e paulistas tenham mais consciência ecológica,...*

d) Expressões idiomáticas:

São *expressões idiomáticas* recursos típicos de uma linguagem mais coloquial, onde a soma das partes significativas – as palavras – não pode responder pelo significado final. Como vimos, não cremos que esta soma possa se dar nem mesmo em frases menos “figurativas”.

De base eminentemente cultural, às vezes prosódica, rítmica, elas testemunham o lugar de excelência das metáforas de uma língua.

Anotamos as seguintes: *ficou com a cara diferente; troca-troca de partidos; de olho nas verbas; de mala em mala; calor humano; dar o sinal verde; pagam o pato; fama de valentão; modelito; sair do armário; não vêem a hora; dar a volta por cima; planeta bola, menina dos olhos.*

Vejam-se os contextos (as expressões estarão destacadas e, às vezes, comentadas):

17. (RC) *Em menos de 24 horas, o Congresso ficou com a cara diferente. E pode ser apenas o começo de uma **debandada** de parlamentares dos partidos pelos quais eles foram eleitos... (IMAGEM: CÂMARA DOS DEPUTADOS LOTADA, VISTA DE CIMA, CÂMERA ALTA) (RV) O **troca-troca** de partidos, na maioria das vezes, tem motivação política regional. E é incentivado pelos líderes partidários, **de olho nas verbas** do fundo partidário e no poder que o partido ganha na **disputa** por cargos.*

Vemos neste período, transcrito por nós de forma quase integral, a riqueza de expressões usualmente tidas como mais próximas da informalidade.

Vemos a tendência que reportagens como esta têm de trazerem um pré-julgamento, em forma de crítica. Acreditamos nisso, pois as metáforas da língua oral que acabamos de citar sugerem uma posição crítica do repórter, por sua carga de ironia: *debandada* aproxima os deputados ao campo semântico de pássaros, e de *bando* – talvez não inconscientemente, vemos a imagem da Câmara dos deputados de cima – em câmera alta –, numa possível associação visual com pássaros reunidos; *troca-troca de partidos* ilustra a infidelidade partidária e a traição ao eleitor; e *de olho nas verbas* sugere forte ambição material.

Vemos o termo *disputa*, como no exemplo 13, agora no tema da política, agora num contexto de *disputa por cargos*, o que não deixa de nos convidar a interpretar que a política, já por hipótese parecendo girar, conceitualmente, em torno do campo semântico de *disputa*, se deixa resumir, pelo menos em reportagens como esta, pela *ocupação de cargos*.

Temos, assim, neste exemplo, reunidas em torno das expressões idiomáticas, também uma metáfora semiótica – em torno do campo conceitual de *bando de pássaros reunidos* (ver item 4.4) –, e uma metáfora conceitual – *política é guerra* (ver item 4.5).

Veja-se mais uma expressão idiomática em tema político:

18. (RC) *o PAC, que hoje é a **menina dos olhos** do governo, será o primeiro passo do Congresso.*

O uso de expressões idiomáticas foi observado também nestes exemplos:

19. (RV) *Este ano, **de mala em mala**, já foram descobertos aqui mais de mil quilos de cocaína.*

No exemplo seguinte, *dar o sinal verde* é a expressão que foi escolhida, apesar de haver dezenas de outras, próprias do assunto, disponíveis, como aprovar, enviar etc:

20. (RC) *Agora falta o governo **dar o sinal verde** ...*

Destacamos, para entender isto, que o campo semântico de *dar o sinal verde* está relacionado ao tema da reportagem (controle de bagagens nos aeroportos para coibir tráfico de drogas). Este é o recurso para o qual temos chamado a atenção, e que chamamos *metáfora semiótica*. Este recurso tem sido o motivo de escolhas vocabulares em muitas reportagens.

21. (RV) *O forte do controle de passaportes continuará sendo o **velho e bom faro** policial.*

Lança-se mão aqui de uma expressão idiomática que, como tal, traz já em si um consenso estabelecido, quanto mais esta, cujo significado é exatamente “aquilo que é o bom”, que é determinado pela força do tempo e autenticado pela experiência. Poderíamos perguntar se o termo *faro*, seguido de *policial*, também não reforça a questão da procura aos infratores da lei ser uma *caça* – neste caso a questão de falsos passaportes –, num campo semântico de “selvagem”, de “caça”. Por outro lado, há a sugestão a uma inteligência sensível, um atributo policial contra a infração.

Outros exemplos:

22. (RC) *G. ganhou **fama de valentão** porque era promotor público e prendeu vários mafiosos.*

23. (CH) *Daqui a pouco: os Estados Unidos importam mais milho para produzir álcool combustível / E os criadores brasileiros [...] pagam o pato (LETREIRO: “EFEITO DOMINÓ”)*.

Neste exemplo, além de *pagam o pato*, vemos uma expressão idiomática também no letreiro que entra na tela: *efeito dominó*. Observamos, além disso, uma construção do tipo de *metáfora semiótica*, pois, se os Estados Unidos importam mais *milho*, os criadores brasileiros pagam o *pato*, sendo que *milho* e *pato* nos parecem em coerência com o tema da reportagem, o tema da *criação rural*.

24. (RV) *Mas num circuito menor (de Fórmula 1), aumenta o calor humano.*

A oralidade está marcada no começo, com *mas*, que indica uma tomada de opinião subjetiva. O uso do marcador discursivo “mas” e de expressões fixas (*calor humano*) são recursos do discurso jornalístico, no seu estilo esportivo.

25. (RC) **Modelito** *discreto na chegada ao Brasil. Mas a camisa do amistoso contra Portugal (...) pode sair do armário outras vezes...*

Esta reportagem se refere à camisa que o técnico da seleção brasileira de futebol usou durante uma partida contra a seleção de Portugal. Como a camisa era muito estampada e destoava do padrão de vestuário esperado para um técnico de futebol durante uma partida, ela foi comentada em tom de oralidade, desta vez com ironia. A ironia está marcada pela expressão *modelito*, um apelido para *roupa*, e também pela expressão *pode sair do armário*, que nos dá a entender que o técnico pretende usar a camisa mais uma vez.

Modelito é uma palavra de difícil classificação. O diminutivo traz consigo uma idéia pejorativa, ou uma idéia jocosa?

Mais interpretações devem ser buscadas para *sair do armário*, conforme dois contextos adicionais: levando-se em conta que o técnico perdeu o jogo, a expressão *pode sair do armário mais vezes* pode ser uma advertência – com inferências de lamento – de que o técnico ainda terá sua profissão garantida no próximo jogo da seleção brasileira.

Buscando outro contexto, mais lingüístico, mais do nível do *ícone* do que do *símbolo*, podemos ver como *sair do armário*, uma expressão idiomática que significa *assumir a sexualidade*, está relacionada à característica estampada da camisa usada pelo técnico.

O uso de expressões como esta nos mostra como um texto telejornalístico pode ser rico em termos de exploração de contextos, caracterizando uso de operações semióticas mais complexas do que apenas significar alguma coisa inequivocamente, numa mera cobertura realística dos fatos.

Vimos que, por trás deste enunciado, há uma série de comentários possíveis de se fazer. Mas são possíveis apenas por se tratar de um tema como o futebol.

Podemos concluir, momentaneamente, que o uso de metáforas e expressões da oralidade está subordinado a uma hierarquia de formalidade/informalidade, conforme o tipo de reportagem. Assim, compreendemos que o gênero discursivo telejornal se subdivide em pequenos subgêneros, ou reportagens, caracterizados a partir do tema, sendo o futebol e o carnaval os de maior índice de oralidade. Nada de novo nesta questão. Porém, nas surpresas, nas exceções, nas hibridizações se encontram os comentários que julgamos mais pertinentes ao nosso estudo.

26. (RV) *É nos campos da Itália que Ronaldo recomeça a jornada para ser novamente [...] o fenômeno (...) Os fãs não vêm a hora (...) Na entrevista, falando em italiano, ele reafirmou que sua história não acabou (...), prometeu dar a volta por cima, como já deu tantas vezes, e voltar a surpreender o planeta bola.*

Observamos, no exemplo número 17 (neste mesmo item), como termos da linguagem oral ajudam o repórter a sugerir uma linha interpretativa específica para seu texto, com expressões informais, que tratam de um tema a princípio formal, como a política. Assim, vemos como um tema aparentemente sério pode ser referido com uma crítica, ou mesmo uma sátira verbal (*troca-troca de partidos; de olho nas verbas*). Em temas mais populares e descontraídos, como o futebol, esta permissão vai além, como podemos notar no exemplo número 26 acima, através da interrupção da fala, pelo repórter, antes da expressão o

fenômeno, indicando uma narrativa de familiaridade, através da criação de uma surpresa a partir de um epíteto que o público brasileiro conhece: *o fenômeno*. O repórter ganha narratividade explorando o recurso da pausa, que gera uma tensão para o fim da frase. O tom familiar continua, com as expressões *os fãs não vêem a hora, dar a volta por cima, e planeta bola*.

Sobre o ícone *fenômeno*, temos a comentar que *dar a volta por cima*, no caso do jogador, teria também se tornado um *ícone* da perseverança e da persistência do jogador, assim como *ícone* (ou “semelhante”) do brasileiro, em geral. São reforços à formação – e conformação – de nossa identidade pública.

e) Escolha lexical de repertório oral:

Na mesma linha de raciocínio que vimos desenvolvendo, a conversa com o telespectador se apóia em escolhas de vocabulário tipicamente orais e informais. Vejamos os exemplos:

27. (RV) *A vovó transportava três quilos de cocaína.*

A identificação da infratora como *vovó* tem um caráter de ironia e de aproximação tão fortes quanto o caráter explícito que o termo sugere: familiaridade. A expressão traz uma coloquialidade extraordinária a uma notícia de telejornal, mas não é difícil relacionarmos isto à própria raridade do fato narrado.

Notamos um estilo informal e até mesmo jocoso, ocasionando uma relação entre o raro, o estranho e o divertido, mas todos inseridos no contexto da proibição, com a imagem da infratora detida.

28. (RC) *Quanto à chuva, tem duas notícias: uma boa e uma ruim...*

O juízo de valor está explícito nos adjetivos *boa* e *ruim*. Tais julgamentos se baseiam quase sempre na premissa de que a chuva é boa em épocas secas, e ruim em épocas de enchentes. Isto também depende das condições de cada região. O sol, como mais um estereótipo brasileiro, é em geral valorizado no discurso dos telejornais.

Quanto ao verbo empregado, se o redator tinha a possibilidade formal (há) e a informal (tem), ele optou pela segunda.

É interessante observar, a partir do exemplo, que a questão da instituição, em todos os telejornais brasileiros, talvez mundiais, da Previsão do tempo, demonstraria, além da prestação de serviço útil a vários segmentos da sociedade, uma tendência ao próprio controle do tempo, se fizemos disso uma leitura filosófica. Mas o que nos interessa mais é observar como a previsão do tempo ajuda a estruturar o vínculo com o telespectador. Ela cria um amanhã, bem como uma credibilidade na continuidade deste vínculo.

29. (RC) *Um jequitibá como estes, um verdadeiro cinquentão...*

A estrutura de *aposto*, comentário colocado entre informações principais, não é comum do jornalismo “informativo”, assim como a adjetivação, que também é relativamente evitada. Mas *cinquentão* é um termo tirado da circulação do dia-a-dia, e que sugere simpatia. E terá a função, no mínimo, de “arejar” o discurso sério jornalístico, tornando-o um pouco mais informal. Lembramos que a expressão deva ser compreendida no seu potencial de oralidade máximo, na forma da expressão: *um verdadeiro cinquentão*, onde *verdadeiro* reforça a cumplicidade entre TV e público. Podemos perguntar se isto se torna possível devido ao tema ser a ecologia, e por isso a TV se permitir brincar com o próprio código.

30. (RC) **Talvez A. precise passar pelo purgatório do banco.**

Esta reportagem se refere a um treino da seleção brasileira de futebol. Duas vezes vemos a marcação da oralidade: *talvez*, sugerindo intimidade e informalidade, e *passar pelo purgatório*, que, além da marca oral, é também uma expressão julgadora. A questão de *precisar passar*, aqui expressa, sugerindo um sacrifício, se aproxima semanticamente deste julgamento. Um julgamento potencializado, ou “permitido” pela cumplicidade do telespectador, a partir de um assunto que – acredita-se – todos os brasileiros conhecem bem: o futebol e um mal rendimento de um jogador da seleção.

31. (RV) **Mas parece que** a fase do mal-humor já passou (por causa da adaptação ao fuso horário). (IMAGEM: JOGADORES BRINCANDO)

Somente a adição de imagem poderia permitir o uso do verbo *parecer* neste enunciado, sobre um time de futebol no treinamento. Aqui se vê explícito o funcionamento do mecanismo televisivo. A aproximação com a oralidade – e com a visão – está explícita já no início, com um tom de conversa, de troca de opinião.

No próximo exemplo vemos uma propaganda de outro programa da própria emissora, em que o telejornal lança mão de uma tentativa de aproximação, chamando o telespectador de *você*. É um tratamento geralmente usado nos anúncios publicitários, e, como sabemos, na linguagem oral do Brasil, e demonstra intimidade, se comparado com o termo *senhor (a)*, de caráter mais formal, hierárquico, diferencial, respeitoso ou polido.

32. (PI) No Globo Repórter de hoje, **você** vai conhecer os campeões da vida selvagem.

O predicado *vai conhecer*, aqui, remete para uma afirmativa, no futuro próximo, o que nos sugere a função de agenda social exercida pelo telejornal, numa tentativa de reconhecer um compromisso com o telespectador. Chamamos atenção também para a metáfora *campeões da vida selvagem*, uma expressão mais oral, composta de palavras de impacto, que cumpre a função de enfatizar o convite para assistir o programa, ajudando na tarefa de conquistar o telespectador.

Outro exemplo, em uma chamada para o bloco seguinte:

33. (CH) **Você** acompanha o Fast-Triatlon feminino ao vivo no Esporte Espetacular, que começa às...

Este chamativo, que é encontrado em vários gêneros televisivos, só aparece no telejornal quando se trata de publicidade interna, no âmbito da propaganda que a emissora faz de sua própria programação.

O uso do *você* é uma importante marca de sugestão de conversação empreendida pelos gêneros televisivos, claramente um apelo a uma aproximação

simulada, onde se reforça a aliança que liga TV e telespectador. Este recurso, entretanto, não deixa de ser generalizante e unificador.

g) Recursos de prosódia:

Encontrados em menor número no telejornal, o que estamos chamando recursos de prosódia (representados aqui por três pontos entre colchetes) dizem respeito a um desvio do uso da língua oficial, padrão, do português, no nível fonético, ou de variação lingüística regional, assumindo um caráter de conversação oral:

34. (NP) *Aniversário de BH 103 anos: um bolo de coco, mas com um [...] **docim** de leite.*

Chamamos a atenção para a pronúncia empregada pelo locutor, estereotipando o falar típico mineiro, com a palavra *docim*. Além de aproximação e familiaridade, o recurso causa simpatia com uma fatia da nacionalidade. E também reforça um dos estereótipos mineiros, que é a produção de leite e queijos; o enunciado quer dizer que se o bolo é de coco, o doce de leite garante a mineiridade. Mas não houve imagens, o que reforça a locução, que tem que ser realizada apenas pelo texto.

No exemplo a seguir, transcrevemos a conjunção *para* como *pra*, e o verbo *estar* como *tá*, porque assim foi realmente pronunciado, em um raro momento de abreviatura de palavras, em se tratando de locução em estúdio. Mas a permissão é justificada. Um locutor se dirige diretamente a outro, estabelecendo um tom explícito de conversa:

35. (NP) *E esse aumento da demanda de milho **pra** fabricar álcool nos EUA **ta** afetando os negócios no campo, aqui no Brasil.*

Mais recursos de oralidade serão observados, ao longo dos enunciados. No item do *Agendamento* (4.3.2), as reportagens sobre o *carnaval* poderiam, certamente, ter sido incluídas no item que estamos encerrando. No item das *Enunciações* (4.3.3), quando veremos como as reportagens recontam histórias,

também os três exemplos transcritos se fazem, essencialmente, com os recursos orais.

Veremos agora os recursos discursivos do telejornal, lembrando que os recursos orais que vimos são também recursos discursivos, tendo sido separados por nós desta categoria, por entendermos que a oralidade, na notícia lida para a câmera, ao lado do registro escrito – na verdade *abaixo* dele –, é a base do telejornal, tendo merecido nosso destaque.

4.2

Recursos discursivos

Os recursos discursivos destacados a seguir serão analisados, primordialmente, segundo o referencial teórico exposto na Introdução (item 1.5): a Linguística Crítica e a Semiótica social.

Nosso primeiro subitem (4.2.1) será a análise da Transitividade e da Estrutura lexical, segundo modelo de Halliday (1987) – na parte dedicada por ele aos *elementos ideacionais*. Os outros itens (4.2.2 a 4.2.5), respectivamente *Homocentrismo*, *Consenso*, *Estereótipos* e *Vozes acessadas*, terão referência em Fowler (1991).

4.2.1

Transitividade / Estrutura lexical

Resumidamente, os tópicos relativos à Transitividade e à Estrutura lexical analisam uma questão: o sistema de escolhas verbais. A questão de *Transitividade* é um conceito fundamental em Halliday (ver item 1.5.2), como lembra Ikeda (2005, p.55). É parte de análise dos seus *elementos ideacionais*, estes, por sua vez, uma das *metafunções da linguagem*. A escolha que se faz de como articular uma *oração* é instrumento fundamental de análise. Citando Ikeda (2005):

Ela (a Transitividade) é a base da representação: é o modo pelo qual a oração é usada para analisar eventos e situações como sendo de certo tipo. A transitividade facilita a análise do mesmo evento sob ângulos diferentes, o que é de grande interesse na análise dos jornais (...) Já que a transitividade possibilita fazer escolhas, omitiremos também algumas delas, de tal forma que a escolha que

fazemos – melhor, a escolha feita pelo discurso – indica o nosso ponto de vista e é, portanto, ideologicamente significativa (idem, p.55-56).

Dentro do sistema de Transitividade, duas transformações são consideradas importantes: a *voz passiva* e a *nominalização*.

Diferentes inferências podem ser obtidas conforme uma oração traga um *agente* de uma *ação* ou não, conforme o modo como o *sujeito* estaria em relação a uma *ação*, na *voz ativa*, ou como paciente, na *voz passiva*, ou conforme a ausência de um *sujeito*, entre mais possibilidades. Qualquer dessas escolhas pode acarretar leituras diferentes, assim como qualquer escolha de adjetivos para uma frase, a escolha dos verbos, a escolha dos substantivos, e assim por diante.

A *nominalização* é a escolha por transformar verbos, portanto processos, em substantivos. Junto a ela, citamos como importante a questão da transformação de conceitos abstratos em “pessoas” que efetuam atitudes, a *personificação*.

Outro elemento ideacional de análise, segundo Halliday (1987), é a *Estrutura lexical*, onde as escolhas, desta, vez, se dão no nível das expressões, e ajudam a cristalizar conceitos, posições, opiniões.

Exemplos anotados:

a) Transitividade:

i. agentividade: a omissão do agente humano

36. (RC) *O país (...) depende do carvão para gerar 85% da energia, que toca seu crescimento econômico. E acelera o degelo do Himalaia, que vai agravar ainda mais a falta de água na China (...) É o começo de uma mudança massiva no clima do planeta (...) A falta de água pode atingir bilhões de pessoas (...) O mundo vai conhecer um novo tipo de refugiados, os refugiados do clima (...) Combustíveis fósseis são os principais vilões. Mas a atividade agropecuária, que derruba florestas e emite gás metano e óxido nitroso, também contribui para a destruição do planeta, como nós o conhecemos. E a criação de outro, em transformação. Para pior.*

Sendo o tema o futuro do planeta, a reportagem não poderia deixar de ser um pronunciamento. Notamos então como o discurso se toma de uma “voz cultural”, num tom previdente de uma realidade inevitável. Sendo esta realidade global, justifica-se o tom mais formal, dado pela longa duração da reportagem, pela entonação pausada e séria, e, naturalmente, pela maneira como se dá a narrativa verbal.

Os termos *agravar* e *ainda mais* sugerem um discurso marcado subjetivamente. Em *o mundo vai conhecer...*, esta subjetividade cresce, e adquire um tom de predição, de norma irremediável, de consequência do que inevitavelmente vai acontecer. O tom quase profético, ao mesmo tempo “oficial”, é dado pela locução verbal, colocada no *modo indicativo* – que na gramática do português tende a ser o modo da “realidade” –, além do *Tempo Futuro*, com o aspecto de *futuro imediato*, acentuando o caráter preditivo que dá o tom geral deste trecho. Expressões como *refugiados*, *vilões*, *destruição do planeta*, *pior*, são negativas. Mas notamos que elas não se fazem acompanhar de palavras que remetam à ação do homem. Em vez disso, o vilão é o *combustível fóssil*, e não o homem que faz a combustão. Quem derruba as florestas é a *atividade agropecuária*, uma abstração metafórica, portanto “metáfora ontológica”, segundo a semântica cognitiva. Na seqüência desta mesma reportagem, temos este trecho:

37. (RV) *Os cientistas dizem que não importa o que fizermos, o aquecimento global vai continuar durante séculos e séculos (...) Em abril, um novo relatório vai dizer o que devemos fazer para nos adaptar à mudança climática. E antes do fim do ano, um terceiro relatório vai trazer as ações necessárias para frear a velocidade dessas mudanças.*

O tom de predição, de pronunciamento, está marcado, socialmente, pelo aval da opinião dos cientistas, e linguisticamente, pelo verbo *vai*, afirmativo, mas principalmente, pelas expressões *não importa o que fizermos*, e *séculos e séculos*, ambas hipérboles verbais, ou seja, ênfases marcadas semanticamente, pela conformidade – no primeiro caso, – e pelo caráter de eternidade, e portanto de maioria – no segundo caso.

Em seguida, o anúncio de um novo *relatório da ONU*, única referência de regra para se combater o aquecimento global, é, ao mesmo tempo, sugestão de um guia oficial, editado periodicamente, responsável pela conduta do cidadão, o qual é tratado, no texto, na primeira pessoa do plural (*nós*). Está implícito que a ONU tem o dever de sugerir mudanças, e a população (*nós*), de segui-las. A idéia de compromisso a esta agenda da ONU está marcada pela expressão *em abril*, para o primeiro relatório, e *antes do fim do ano*, para o terceiro relatório.

ii. nominalizações / personificações:

Acabamos de ver, nos exemplos 36 e 37, exemplos de *nominalização*. Veja-se, no exemplo a seguir, o processo da nominalização seguido da *personificação*, que lhe empresta ainda maior caráter ontológico:

38. (NP) *Em menos de 48 horas, São Paulo registrou duas chacinas em bairros vizinhos.*

Vê-se como a cidade foi personificada. Seguem-se exemplos em que a *construção civil* é agentificada:

39. **A construção civil precisa qualificar profissionais.**

Sabemos, como Lakoff & Johnson (1980), que as abstrações são necessárias para entendermos boa parte de nossos códigos de comunicação. Porém, neste exemplo especificamente, a abstração *construção civil* está numa relação direta, de contexto, com a expressão *profissionais*.

Neste enunciado, o *sujeito* da oração é *construção civil*, e não *profissionais*. Portanto, a princípio, temos uma inversão de valores, se julgarmos que palavras que denotam pessoas humanas fossem mais propensas a expressar a realização dos atos. Aqui, quem realiza o ato torna-se uma metáfora ontológica, sendo que os seres humanos se tornam, segundo a sintaxe gramatical, *objeto da oração*. Se pensarmos que a construção sintática padrão do português, com o *sujeito* em primeira posição, prototipicamente como agente, indica um grau de prioridade para o sujeito, um grau superior na hierarquia gramatical, concluiremos

que a abstração *construção civil* está hierarquicamente superior a *profissionais*, também na hierarquia social.

Podemos então pensar como o humano seria objeto de um projeto, de uma abstração, de um conceito. Várias outras expressões, que não estão em nossos dados, mas que fazem parte da nossa memória a respeito deste assunto, confirmam o núcleo do enunciado 39. Uma delas é a expressão *mão-de-obra*. Por trás desta expressão, temos, por exemplo, *formação de mão-de-obra*, uma expressão que define várias práticas sociais concretas no Brasil: por exemplo, o exame vestibular e o planejamento educacional – voltado para a *qualificação de mão-de-obra*.

Outro exemplo de personificação de *construção civil*, num verbo semanticamente significativo: *criar*:

40. (RC) *Entre demissões e contratações, a **construção civil** teve a maior taxa de crescimento do emprego formal. Há 14 anos não **criava** tantas vagas.*

b) Escolha lexical:

Seguindo a linha da Análise Crítica do Discurso, consideramos a escolha lexical, escolha dos termos que compõem um texto, da mesma importância com que as próprias notícias são selecionadas e ordenadas em temas.

Veremos, nos exemplos a seguir, como são lexicalizados os atores da cena telejornalística. Iniciamos nossa análise por uma série de reportagens de tema policial:

41. (NP) *Em menos de 48 horas, São Paulo **registrou** duas chacinas em bairros vizinhos. Dos nove mortos, [...] nenhum **tinha passagem pela polícia.***

O verbo escolhido, *registrou*, traz consigo o campo semântico da burocracia, onde os crimes são numerados. Esta numeração não é apenas uma atividade burocrática, mas uma necessidade que toda a sociedade compreende e da qual precisa. Tampouco os redatores têm como evitar tais números quando

noticiam número de óbitos, já que o telejornal precisa mostrar um pouco de cada setor da sociedade, em relativamente pouco tempo, não podendo prescindir de dados oficiais e com caráter de resumo.

Sabemos, pelo contexto de entonação deste enunciado, marcado pela pausa de ênfase antes da palavra *nenhum*, que a reportagem é uma denúncia àquele que teria sido um ato gratuito dos assassinos. Porém, na frase final, a referência positiva, que apresenta pessoas como vítimas e que motiva o clima de denúncia da reportagem, é feita pela negatividade, com a expressão *nenhum tinha passagem pela polícia*. Aqui, identificam-se pessoas com passagem pela polícia como naturalmente candidatas a serem chacinadas.

Logicamente, não deve ser esta a intenção consciente do redator. Mas os autores que temos como apoio a nossa análise salientam exatamente este caráter de conceito automático, que, neste exemplo, é a aceitação da validade da chacina de pessoas com passagem pela polícia. E isto se percebe, mesmo apesar da pausa de ênfase do âncora, insinuando uma denúncia de uma injustiça social.

42. (RC) *Na penitenciária federal (de Catanduvás), uma **fortaleza** construída para impedir fugas e reduzir o contato com o mundo externo (...) os presos não saem nem para banho de sol.*

A expressão *fortaleza* assume uma função ativa, e realiza dois atos: ela impede fugas, e reduz o contato externo. A própria escolha da palavra *fortaleza* nos parece uma hipérbole, ou seja, uma intensificação do valor semântico que sugere uma superprisão.

Não podemos deixar de ressaltar, numa busca de interpretantes, como quer Peirce, ou numa busca enciclopédica, como quer Umberto Eco, que *fortaleza* teria sido uma construção medieval, para isolamento e manutenção de um centro, ou então, para defesa, e que aqui empregada quer significar *isolamento*. Porém, para o nosso exemplo, vemos o poder tanto na parte oficial, de quem constrói a fortaleza, como na parte de quem está preso. Pois uma construção penitenciária deste porte só poderia ser construída em função do poder de ameaça que a pessoa presa oferece.

Este comentário poderia ser sem importância, não fosse a ironia que se pode estabelecer entre a parte do enunciado acima, que diz que *é uma fortaleza*

construída (...) para reduzir o contato com o mundo externo, e o que diz o enunciado seguinte:

43. (RC) **Fontes** da Secretaria da Administração Penitenciária (...) revelaram que o plano (de assassinato) foi descoberto (...) Os alvos eram diretores de unidades onde estão presos considerados muito perigosos, que comandam uma quadrilha que age dentro e fora das prisões.

Se por um lado se reduz o contato dos presos com o mundo externo, por outro lado os presos comandam ações que acontecem do lado externo.

Inserindo-se um comentário mais semântico, note-se o recurso da abstração, com a expressão *fontes*. As fontes são uma das partes essenciais do fazer jornalístico. Mas quando esta palavra é usada, no texto da notícia, ela pode querer ou precisar ocultar algum agente da comunicação, ou o redator não teve acesso a ele. O ocultamento de fontes é muitas vezes natural: não há sentido em que o nome das pessoas que contam as histórias apareça. Outras vezes pode não haver interesse em que elas apareçam. Pode ser o caso deste exemplo 43, onde se trata da Administração Penitenciária e de *presos considerados muito perigosos*.

Vamos avançar no comentário do campo semântico da *segurança*, com a discussão do campo lexical em torno de “infrator da lei”:

44. (NP) *Primeiro, foi uma série de crimes ambientais e de lavagem de dinheiro. Depois, um golpe contra a justiça. Hoje, em Belo Horizonte, três donos de uma siderúrgica voltaram para a prisão (RV) Os empresários devem ser indiciados por lavagem de dinheiro, corrupção e crime contra o meio-ambiente (RC) Eles haviam sido presos em dezembro, numa operação de combate ao comércio ilegal de carvão, que levou para a cadeia outras 14 pessoas (...) O grupo usava notas fiscais frias...*

Se as pessoas sem qualificação profissional que cometem crimes são chamadas sistematicamente de *bandidos*, ou *bando*, ou *quadrilha*, ou *assaltantes*, enquanto outros são chamados de *empresários*, por exemplo, então sugerimos que

estas palavras se tornam uma *profissão*, ou uma ocupação. A escolha recorrente deste termo indica o quanto pode estar interiorizada, no interior da sociedade, uma noção do que é socialmente comum. Veja-se esta série sobre *bandidos*, em uma mesma reportagem:

45. (RV) *Os bandidos praticaram outros crimes (...) Bandidos armados que atacam (...) Os bandidos atacaram (...) Ninguém foi ferido nesta ação de bandidos (...) Onde estão presos os bandidos mais perigosos (...) Dirigia o carro dos criminosos (...) Tudo teria sido planejado pelos bandidos...*

Sabemos que os substitutos verbais para a pessoa que cometeu um crime são vários, em nosso código: *assaltante, ladrão, criminoso, bandido, bando, quadrilha, infrator, menor infrator, criminoso*. Notamos que tais termos aparecem sem se referirem a tipos diferenciados de crimes, ou seja, nos parecem aleatoriamente dispostos ao longo do discurso jornalístico, sem algum critério definidor.

Este é o fenômeno conhecido como *heteronímia*, em que vários nomes, formalmente diferentes, nomeiam o mesmo *referente*. A heteronímia é muitas vezes utilizada como recurso de *coesão textual*, naqueles momentos em que o redator precisa evitar a repetição muito próxima de uma mesma palavra. Por uma questão estética característica de textos escritos, se ele se refere a *ladrão* numa frase, terá que usar *bandido*, ou outro termo, se esta necessidade vier logo em seguida.

Porém, no caso de pessoas que infringem a lei, gostaríamos de chamar a atenção para a generalização que esta heteronímia opera, nomeando estas pessoas de maneira não-criteriosa, uma vez como *bandido*, outra vez como *criminoso*, outra vez ainda como *assaltante*. Esta heteronímia lingüística no campo semântico de *infrator*, ou melhor, esta ausência de critério lingüístico na nomeação de pessoas que cometeram um crime nos sugere que a própria concepção social do crime, no Brasil, é não-criteriosa. Pessoas que infringem as leis, às vezes de maneira leve, são condenadas e presas com pessoas que praticaram um crime mais sério. Por outro lado, pessoas que praticam infrações à lei, mas que dispõem de recursos ou de prestígio, ainda que flagradas, podem até não cumprirem pena. E,

para elas, as expressões são *corrupto*, ou então *grupo*, como vimos no enunciado número 44, ou mesmo alguns *empresários*. Notamos ainda que a palavra “corrupto” raramente aparece. Encontramos mais a forma nominalizada, *corrupção*, nominalização esta que, como comentamos, diminui o impacto que *corrupto* poderia causar, pois transforma o sujeito humano em um sujeito abstrato; no caso, transforma a corrupção em ato previsto, e aceito.

Ainda sobre o exemplo 45, é interessante notar duas referências ao verbo *atacar*, intensificando aquilo que será denominado *ação de bandidos*, sendo pertinente a questão da nominalização, onde esta ação é institucionalizada pelo próprio uso constante e corrente.

Junto a nossos comentários sobre a expressão *bandidos*, e seus heterônimos – sinônimos, – temos também que alertar para o sistema de regras sociais implícitas na cena televisiva, sistema que faz com que expressões como *bandido* entrem em relação intertextual com conceitos sociais a todo momento exteriorizados, como o de que *bandido bom é bandido preso*, tacitamente aceitos e tidos como condutores da moral local. Veja-se o que diz um senador da república:

46. (E) *Bandido tem que estar na cadeia. Bandido tem que estar preso.*
(J.S.F., Senador)

Esta frase, dita em momentos de comoção nacional frente a crimes hediondos, tem, no mínimo, um caráter de tautologia aceitável, e previsível, para ocupantes de cargo executivo. O primeiro passo para a defesa de uma instituição afrontada é a restituição da força imperiosa da lei, a lei nominal, estabelecida no código penal do país.

Continua a “bandidagem”:

47. (NP) *Pelo telefone, bandidos dizem que um parente é mantido refém. Tudo não passa de uma farsa* (a respeito de seqüestro falso)
(RC) (...) *Manter a calma numa hora dessas é quase impossível, mas segundo a polícia, outros cuidados podem evitar o golpe.*

Em *manter a calma numa hora dessas* notamos forte caráter oral, além de uma cumplicidade de quem fala com quem seria vítima. O complemento *quase impossível* reforça este caráter.

Vejamos agora outros contextos do campo semântico da segurança pública, além de *bandidos*:

48. (RV) *Policiamento reforçado nas áreas do conflito. O número de vítimas subiu para seis (...) A violência dos ataques tirou a vida de quatro pessoas. Entre elas, um morador que tentou tirar crianças e idosos da linha de tiro.*

O conflito reportado aqui se dá entre policiais, traficantes e milícias, em locais do Rio de Janeiro. A nosso ver, este item traz uma série de expressões que podemos analisar: *as áreas do conflito, o número de vítimas, a violência dos ataques, linha de tiro*. Devido ao uso sistemático que se faz delas, nas linguagens oral e escrita, estas expressões percorrem, semanticamente, um caminho, que é o de se tornarem, aos poucos, expressões fechadas, cristalizadas, ou seja, não são mais interpretadas como substantivo e complemento (ou substantivo e adjunto). Elas passam a ser vistas como uma palavra composta, um termo só, um conjunto. Assim, não seria exagero chamá-las de *neologismos*. A realidade, ou seja, o uso as fez aparecerem sempre como um conjunto. Elas então se tornam conhecidas como *colocações, multivocábulos* e até *expressões idiomáticas*. Esta distinção diz respeito ao grau de composicionalidade da expressão, sendo as expressões idiomáticas as mais fixas.

Muitas dessas expressões, como podemos ver aqui, têm a função gramatical de *sujeito* da oração, e ganham o *status* de pessoas, ou seja, além de serem *metáforas ontológicas*, são também *personificações*.

Este processo de cristalização de palavras é também um processo de cristalização de realidades. No exemplo acima, um conflito urbano é visto como uma guerra. Por isto, analisamos estas expressões também como *metáforas estruturais* (ver item 4.5), uma vez que elas sugerem uma relação, não ocasional, mas estruturada, com o tema da guerra.

As *expressões idiomáticas* são, como se sabe, de interpretação cultural, ou seja, são criações metafóricas de um determinado idioma, cujo sentido, em muitos

casos, não tem uma tradução direta num outro idioma – dizemos tradução *direta*, mas advertimos que não vemos a questão da tradução como uma correspondência direta, ou uma transferência imediata de significados.

Queremos dizer que estas expressões têm forte apelo cultural. São criações culturais, de cada nação e idioma. E uma vez características de uma cultura específica, são expressões que nascem de *habitats* específicos. Por isso, em se tratando do Brasil, já temos um repertório de expressões que configuram o conflito entre polícia, traficantes e milícias como uma guerra.

O mesmo contexto poderia ser observado na região de Israel e Palestina. Vejamos o *repertório* de guerra daquela região:

49. (S) *Autoridades dos grupos palestinos F. e H. concordaram hoje em adotar um novo cessar-fogo para pôr fim à violência na Faixa de Gaza, que matou 25 pessoas nos últimos dois dias. (RC) Antes da reunião entre os dois grupos, cinco pessoas ficaram feridas numa troca de tiros perto de duas universidades.*

Podemos observar: *cessar-fogo, violência na Faixa de Gaza* (sendo a *violência* o sujeito nocional da oração *que matou 25 pessoas*) e *troca de tiros*.

Não sem razão, os contextos dos enunciados 48 e 49 – *Rio de Janeiro e Faixa de Gaza* – utilizam repertório semelhante: expressões idiomáticas – indicativas de uso continuado –, e mesmo campo semântico, o da guerra.

Confirmando a característica institucionalizada da notícia/realidade, há o *selo*, presente na tela desde o início do tema, caracterizando os dois países em conflito.

50. (S) *O Risco Brasil, aquele índice que mede a desconfiança do investidor estrangeiro no nosso país, caiu hoje ao menor nível da história, 178 pontos. No começo da noite, mantinha-se baixo, 180 pontos. Um dos motivos foi a decisão da agência americana de classificação de risco (...) de indicar uma perspectiva mais positiva da avaliação do Brasil... A bolsa de São Paulo chegou a bater recorde histórico de pontos...*

A insinuação de que o Brasil seja visto como um *risco* está, além do nome do índice referido acima, nas palavras subsequentes: a expressão *desconfiança*, por parte do estrangeiro – e também usada pelo brasileiro –, e o comparativo *mais*, no trecho *uma perspectiva mais positiva*.

Aqui o Brasil está sendo visto *de fora*. Há, no nome *Risco*, uma avaliação histórica, negativa, que traz um componente de desvalorização do *Brasil*. Nesta marca negativa, torna-se explícito que há uma *decisão* da agência americana de intervir a favor do índice brasileiro, o que não deixa de evidenciar uma hierarquia.

Mais uma vez, notamos a presença iconográfica e institucional do selo ocorrendo junto ao texto.

4.2.2

Homocentrismo

Segundo Fowler (1991), o *Homocentrismo* é a preocupação com países, sociedades e indivíduos, percebidos como sendo *um de nós, versus* grupos sentidos como *diferentes de nós*, estranhos, ameaçadores (Ikeda, 2005, p.50).

Veja-se isto nas expressões encontradas nos exemplos a seguir.

51. (RC) *De todos os passageiros (...) com passaportes falsos, 80 % são de vizinhos sul-americanos. Gente atraída pela crença de que é mais fácil entrar na Europa e nos Estados Unidos partindo de São Paulo como turistas.*

O termo *vizinhos sul-americanos*, quando conjugado com *gente atraída*, gera um interessante embate entre a denominação oficial e a não oficial, numa marcante demarcação de fronteira.

52. (RC) *Apenas três países têm números menores que o Brasil... (número de mortalidade infantil)*

Note-se a interpretação de um fato qualitativo (a mortalidade de crianças) através da estatística comparativa, uma prática comum nas notícias. Se, por um lado, esta comparação, que se quer didática, quer chamar a atenção para um fato

grave, por outro lado não deixa de esbarrar em um terreno delicado, de estereótipos, pois reforça a noção de países “superiores” e “inferiores” numa escala comparativa.

53. (NP) *O Ministro do Irã voltou a desafiar o Ocidente...*

A noção de pátria está potencializada ao grau planetário (oposição ocidente/ oriente). Este exemplo traz a utilização do verbo *desafiar*, o que reforça – ou instaura – o Irã como uma espécie de “inimigo público comum”, previamente – ou doravante – determinado. Um peso histórico reforça isto, através do uso da locução verbal *voltou a desafiar*.

54. (RC) *A economia do Chile foi de fazer inveja aos países vizinhos.*

O uso da expressão idiomática *de fazer inveja*, retirada do meio oral, além de trazer familiaridade, atualiza a questão “fronteira”, com o verbo *inveja* como *muro*. Mesmo que em outra pátria, está também colocada a questão do homocentrismo, da separação *nós versus eles*.

55. (S) *Nesta sexta-feira, dois países vizinhos do Brasil abocanharam mais empresas privadas. O governo da Venezuela vai pagar (...) à Companhia americana AES, de eletricidade, R\$...*

Vemos a metáfora da *moradia* – países *vizinhos* –, criando uma espacialidade, construída pela noção de fronteira. Além disso, o verbo *abocanhar*, para o campo semântico de *nacionalizar*, sugere *voracidade*, ação selvagem, rápida. Ele pode ser mais bem entendido se se leva em conta o contexto do desentendimento entre os governos do Brasil e da Bolívia, no ano de 2006, após este país ter anunciado a privatização da empresa brasileira Petrobrás na Bolívia.

O uso do verbo *abocanhar*, entretanto, enfatiza que está havendo, neste momento histórico da Venezuela e da Bolívia, um programa de estatizações. É um verbo da linguagem oral, que deixa inferências, como um grau de impacto, senão de desconfiança, senão de reprovação em relação à ação política retratada.

4.2.3

Consenso

No capítulo 1 (item 1.5.2), vimos a questão do *consenso* em Fowler (1991), e como o autor se referia à “afirmação e alegação de todos os partidos políticos, expresso no apelo por ‘uma nação’, pelo povo ‘irmanado’”. E também: “O modo como o ‘nós’ deve se comportar é exemplificado por histórias publicadas com regularidade, falando de qualidades como fortaleza, patriotismo, sentimento, esforço” (Ikeda, 2005, p.50).

Além dos sentidos de *fortaleza*, de *patriotismo*, de *sentimento* e de *esforço*, vemos exemplos também do *consenso* no que diz respeito a mais dois sentidos: dar uma resposta para uma injustiça brutal, e se fazer, ela mesma – a notícia – o local de condenação e revitalização de valores, ou seja, o consenso *nela mesma*.

São exemplos disso:

56. *(NP) Brasileiros de bem, que respeitam as leis, que respeitam os outros cidadãos, que pagam impostos, que tentam levar a vida com dignidade, brasileiros de bem, ficaram sem palavras hoje diante de um crime registrado na cidade de...*

Esta é uma introdução à edição de 11 de novembro de 2006, com uma entonação de destaque e de gravidade, para a notícia do roubo e morte de uma família. O telejornal lança mão de intertextualidade e pega emprestado o gênero *editorial* de jornal impresso para emitir uma *voz do jornal*. Este recurso pretende ser uma reação à altura de um fato igualmente surpreendente, escandaloso e repugnante. O texto telejornalístico quer resgatar o que foi perdido com a infração da lei, chamando atenção para as palavras, já que as palavras da lei não foram ouvidas. Neste processo, então, a TV se transforma, de certa forma, ela mesma, em palavra da lei.

No exemplo a seguir, a ausência da lei para inibir crimes brutais novamente tende a ser compensada pela indignação do jornalista (veja-se nos destaques):

57. (RC) *A sensação de que algo está errado percorreu o Brasil (a respeito do menino João Hélio, que morreu depois em um assalto)*
 (RC) *A morte de um menino de seis anos no Rio de Janeiro deixou o Brasil atônito. O crime, durante um roubo de carro, atingiu um nível chocante de crueldade e de covardia (...) A esquina onde a tragédia começou (...) A crueldade durou dez minutos (...) um ato covarde dos bandidos (...) a brutalidade continuou pelo viaduto (...) os bandidos só pararam...*

Nos dois seguintes enunciados, identificamos o carnaval como *consenso*, no sentido de que o carnaval brasileiro é mostrado como um dos referenciais de um sentimento cultural nacional:

58. (CH) *A seguir, uma riqueza da cultura nacional (LETREIRO: “IDENTIDADE BRASIL”)* (RC) *O carnaval é o espelho do Brasil (...) mistura de muitas tradições (NP) O carnaval brasileiro não é genuinamente brasileiro. Tem influência africana, européia, até americana (...) Hoje, M.K. mostra como os foliões se apoderam das tradições e fazem do carnaval uma festa que se renova sempre.*
59. (E) *Acho que a única coisa organizada no Brasil é o nosso carnaval. (um folião no carnaval – anônimo)*

Este depoimento, embora não precise ser interpretado como *consenso*, por seu caráter individual, não deixa de mostrar qual é o imaginário de um cidadão, falando de seu país.

Tirando-se o julgamento que podemos fazer da expressão *única*, neste enunciado, o carnaval do Rio de Janeiro aparece realmente organizado na representação simbólica da transmissão do desfile das escolas de samba, pela Rede Globo, iniciado com exibição na tela da ficha técnica das escolas, começando sempre pelo presidente da escola, seguido pelos demais organizadores.

4.2.4

Estereótipos

Veremos agora como os estereótipos podem se revelar na linguagem telejornalística, basicamente, através de escolhas lexicais. Haverá também o exemplo de um *provérbio*, ato de fala que em geral quer reforçar alguma mensagem social moral.

Veja-se um conceito de *estereótipo*, de Fowler (1991):

Ao determinar o significado dos acontecimentos, o jornal e seus leitores fazem referência, explícita ou implícita, ao que se chama, na psicologia cognitiva, e na semântica, de ‘frame’ (‘paradigma’, ‘estereótipos’, ‘esquema’, ‘proposição geral’) (...) Um estereótipo é um escaninho mental socialmente construído, no qual os eventos e as pessoas são classificados para fazer sentido: ‘mãe’, ‘patriota’, ‘executivo’, ‘vizinho’, de um lado, contra ‘hooligan’, ‘terrorista’, ‘estrangeiro’, de outro (Ikeda, 2005, p.50).

São exemplos onde consideramos comparecer estereótipos:

60. (NP) *Três jovens de uma favela do Rio de Janeiro mudaram de vida na Suíça, praticando uma modalidade pouco conhecida no Brasil: o badminton. Duas realidades distantes, que se encontram na solidariedade e no esporte (RC) Para quem treina numa quadra sem cobertura, o clube de Genebra é um sonho (...) eles moram num casarão (...) casa bonita, mas sem luxo. Quem cozinha são eles.*

No início, temos a idéia de que os meninos *mudaram de vida na Suíça*. A mudança de *status* de vida está numa relação estereotipada com mudança de lugar. *Mudar de vida* é uma expressão idiomática de valor positivo. *A favela* está sendo reforçada como oposta a um lugar valorizado, *a Suíça* – note-se que o fato de mudar de vida não pode ser sempre associado com lugar oposto, uma vez que pessoas da favela também “mudam de vida” morando na favela. A idéia de oposição continua, pois *as realidades*, do morador da favela e do morador da Suíça, são colocadas *distantes*, se encontrando apenas numa situação de exceção, ou de “sonho”, como aparece no enunciado.

A *quadra sem cobertura* da favela é desvalorizada na oposição ao *clube de Genebra*. A palavra *casarão*, para a casa onde os meninos moram em Genebra, amplia o tamanho do “encantamento”. A expressão *mas*, no conjunto *mas, sem luxo*, caracterizando esta casa, também é uma fixação de parâmetros, pois, ainda que não haja luxo nesta casa, a idéia de *luxo* foi citada.

Assim, aqui estão expostos alguns estereótipos relativos a pobreza e riqueza, atualizados nos protótipos *favela* e *Suíça*. Outros opostos de estereótipos encontrados aqui são: *neve / rio de janeiro*, e *badminton / esporte brasileiro*.

A idéia que se faz da diferença das realidades, retratadas como estereótipos, pode sugerir algumas questões de caráter institucional, pois o estereótipo, quando naturalizado, diminui uma percepção de contextos, o que por sua vez diminui a possibilidade de uma análise crítica, como se este processo anulasse a possibilidade de mudança. De mudança no significado e também de mudança social. Exemplificando, no enunciado acima, vemos que a favela, que foi, inevitavelmente, desvalorizada, está tão distante de deixar de ter um caráter negativo quanto a neve está distante de deixar de ser uma característica da Suíça. A fixação dos estereótipos *brasileiros*, em contraposição aos *não brasileiros*, ou de *tropicais*, em relação aos *não tropicais*, ou de *pobres*, em relação aos *não pobres* está, nestes enunciados, sistematicamente engendrada.

A emissora faz referência a sua própria iniciativa, pois a reportagem trata de um intercâmbio esportivo de jovens, patrocinado por uma empresa, após uma primeira reportagem da emissora com estes jovens, na favela da Chacrinha, no Rio de Janeiro. Malgrado a frutífera iniciativa da emissora, esta reportagem revela, na sua elaboração lingüística, um repertório de informação de nível previsível – previsível, no sentido da Teoria da Informação, significa, *grosso modo*, sem novidade.

61. (E) *A melhor maneira, e mais rápida, de conquistar a paz, é continuar na ofensiva.* (R.G., candidato a presidente dos Estados Unidos, a respeito do combate ao terrorismo).

Podemos entender *estereótipo* também como uma simplificação de conceitos em uma só expressão (*conquistar a paz*), uma condensação, mas uma condensação simplificadora, já que o contexto da palavra *paz* no exemplo

difícilmente se adequa aos contextos que o telespectador entende como possíveis para a expressão.

Vemos a palavra *paz*, aqui, como *ícone* esvaziado, um ícone com valor apenas *nominal*, sem valor *pragmático*. Seria um *hipo-ícone*, como quer Peirce, um ícone metafísico, ao se sugerir como um termo abstrato em demasia. Um signo que requer uma quantidade imensa de outros signos para a sua explicação, porque os contextos que o situam são de difícil assimilação, uma vez que são contraditórios, e que por isso prefere se tornar um *estereótipo*.

Vemos como a palavra *paz* é metaforizada como *coisa* – coisa que se conquista –, portanto uma *metáfora ontológica*. Algumas metáforas ontológicas se institucionalizam como tais, talvez para alcançarem um sentido público único (ver item 2.5.3). Entretanto, levando-se em conta o contexto em que esta palavra apareceu, vemos que *paz*, para o prefeito de Nova York, não teria o mesmo sentido, supomos, para um opositor político seu que entendesse o que é a política americana de *conquista da paz*.

De fato, termos como *paz* podem ter tantos significados quanto os contextos por trás do seu uso. Para o prefeito, a *paz* significa, ironicamente, e literalmente, *combater*, para se atingir um certo fim. Para o político pacifista Mahatma Gandhi, *paz* significava o avesso a qualquer violência. Radicalizando as possibilidades de entendimento deste termo, para uma pessoa que não goste de um estilo musical x, *paz* será outra coisa, se for obrigado a ouvir esta música em um ambiente fechado, por exemplo.

O estereótipo é o *símbolo* que passou a ser uma expressão vazia, esvaziada. Seu significado, como uma máscara, pode servir a várias faces, indistintamente – e ao mesmo tempo a nenhuma delas.

O exemplo 61, tomado de uma declaração do ex-prefeito de Nova York, seria uma tautologia às avessas, ou seja, uma tautologia de uma impossibilidade lógica básica: a *paz* tratada como uma questão de *guerra*. Mas a contradição da fala do político não é uma exceção, não é um erro, uma contradição, mas o contrário: uma lei, uma solução, uma expressão comum, a sombra de uma lei, pois esta afirmação vem de uma autoridade da política.

62. (RC) *Mais de 40 países apóiam a criação de uma Organização especial da ONU para cuidar do Meio Ambiente.*

Não sabemos se esta Organização diz, em seus objetivos, que ela vá *cuidar do meio ambiente*. Ou seja, esta expressão pode ser de responsabilidade do texto adaptado para o Brasil, pelo jornalismo local. O que queremos dizer com isto é que, de uma maneira ou de outra, é uma expressão que mostra um pouco de como o *meio ambiente*, que é interpretado por nós como uma *metáfora ontológica*, é tratado como um ser, do qual deve se *cuidar*.

Assim como o verbo *conquistar* se liga a *paz*, o verbo *cuidar* aqui também sugere um processo metaforizante complexo, estruturador, pois a idéia de *cuidar* demonstra a visão de meio ambiente como uma coisa, um corpo, frágil, destrutível, vulnerável. Este seria o processo chamado de *metáfora estrutural* (ver item 2.5.1). É uma metáfora verbal que nos diz muito mais a respeito do tema *meio ambiente*. Em primeiro lugar, sugere que o *meio ambiente* é uma *coisa*, que nós observamos como um *outro ser*, ou seja, um *ser fora de nós*. Podemos, por isso, avaliar como está o estado de saúde deste *ser*. Com efeito, concordamos com a visão de que o meio-ambiente é um ser vivo. Apenas desconfiamos que as palavras que se usam geralmente para se referir a ele, como *cuidar*, associadas com a idéia de *preservar*, ou seja, como *patrimônio*, revelam o quanto já está interiorizada em nossa sociedade a visão de meio-ambiente como um meio onde *nós agimos*.

As expressões *cuidar* e *preservar* sugerem que fazemos ações sobre o meio ambiente. Mesmo que façamos menos ações no futuro, nossa linguagem, portanto nosso conceito de meio ambiente, é um conceito de produção, onde, diríamos, não existe, por exemplo, a visão de que o ser humano faça parte dele. É algo exterior ao ser humano. E isto nos permite, então, uma série de práticas predatórias.

Não estamos sugerindo que a expressão *meio ambiente* seja um estereótipo. Para nós, é um símbolo, como outras palavras. O estereótipo começa quando vemos, como alertaram Lakoff & Johnson (1980), que as expressões “candidatas” a estereótipo, como *meio-ambiente*, ganham significados específicos quando outras expressões lhes imputam significados coerentes entre si, de maneira sistemática e previsível.

Veja-se agora um exemplo de estereótipo pelo uso de um *provérbio*, e logo depois, o que diz Luiz Vilela diz sobre o assunto:

63. (RC) *É de pequeno que se estimula a habilidade...*

Provérbios, lugares comuns, máximas, fraseologias, slogans, etc representam, em grande medida, os ‘estereótipos’ de uma sociedade, de seu imaginário e do seu conteúdo imagético: os ‘fatos feitos por medida’ categorizados pela língua (Vilela, 2002, p. 35).

No exemplo 63 vemos um *ditado popular*, ou *provérbio*, recurso próximo da linguagem oral. Segundo o autor supracitado, o ditado é “fundado na experiência, e pretende corrigir ou ensinar”.

Um provérbio seria ainda um *lugar de verdade*, uma verdade social condensada em *símbolos*, símbolos que teriam recuado a *ícones* quanto a seu *status* semiótico, uma vez que se instauram como leitura “cristalizada” do mundo, como semelhança.

No provérbio acima, vemos “formalizada”, “formatada”, em forma de provérbio, a idéia de que uma pessoa pode ser habilitada para uma função desde criança. Adaptando-se este conceito a diferentes contextos, diferentes práticas podem ser buscadas, a partir da filosofias de que uma criança pode ser ensinada desde cedo a fazer algo – sabemos, por exemplo, como uma interpretação rigorosa deste princípio pode moldar métodos de ensino unilaterais, questionáveis, baseados na crença de que o *meio* é menos importante, em relação às *tendências naturais*, na educação de uma pessoa em formação.

A linguagem de um provérbio é eminentemente metafórica. Sua diferença para o *dito popular*, como sugere Vilela (2002), é que o dito popular tem mais ligação com aspectos verificáveis da experiência, da vida cotidiana, enquanto o provérbio é todo ele figurativo, metafórico, icônico.

Veremos agora dois exemplos sobre o tema dos conflitos Israel /Territórios palestinos:

64. (RC) *H. e F. concordaram em formar um governo de união, dividindo os Ministérios, para tentar pacificar os territórios palestinos.*

Neste exemplo, achamos pertinente a expressão *pacificar os territórios palestinos*. Em primeiro lugar, *territórios palestinos* está nos indicando que o país *Palestina* não existe, como nome, sendo conhecido como um conjunto de

territórios, ao contrário das nações dos outros povos. Portanto, vemos colocada uma relação de *exceção*. Além disso, a palavra *pacificar*, sendo exercida pelo *sujeito* da oração, *governo*, está completando a idéia de que estes territórios vivem em guerra, e que tal situação deve ser resolvida por *um governo de união*, uma voz superior. A palavra *dividir*, em *dividindo os ministérios*, é metáfora da divisão ideológica das *facções* H. e F. O verbo *concordaram*, nesta reportagem, expressa bem esta adversidade histórica entre as facções.

A expressão *pacificar* significa *terminar os conflitos*. Notamos apenas que esta *pacificação* é feita pela voz oficial, que aqui no caso são os *grupos políticos palestinos*, H. e F., citados.

No exemplo a seguir, chamamos a atenção para como instituições nacionais que teriam, em última instância, a mesma função, assumem nomes diferentes, conforme Israel seja um país, e a *Palestina* não exista, como dissemos, existindo como *territórios palestinos*. Vejam-se as expressões que mostram esta diferenciação:

65. (CH) *Policiais israelenses enfrentam palestinos perto da mesquita de Al Aqsa* (RC) *Os manifestantes muçulmanos atacaram com pedras. Os policiais israelenses responderam com bombas de gás (...)* *Manifestantes ocuparam a mesquita, e só saíram depois que o prédio foi cercado pela polícia* (RV) *Americanos e Israelenses reagiram com cautela ao acordo* (entre grupos políticos palestinos).

Encontramos, assim, para Israel, a palavra *bombas*, e para palestinos o correlato *pedras*. Para israelenses, *policiais*, enquanto para palestinos, uma vez *palestinos*, e depois *manifestantes*. Embora não citados aqui, sabemos, de outras reportagens, que, para a expressão *partido político*, em Israel, corresponderia *grupos políticos*, para os palestinos. E ainda podemos inferir mais uma oposição: enquanto Israel e todos os outros países teriam um *exército*, os palestinos teriam, supostamente, *terroristas*.

A escolha do verbo *enfrentar* sugere que os policiais israelenses estão colocados como ameaçados. Esta questão fica clara com os verbos *atacaram* e *ocuparam*, referindo-se aos *manifestantes mulçumanos*. Além disso, vemos o

termo *muçulmano* sendo empregado, em correlação a palestinos, o que sugere mais uma oposição, desta vez com *cristão*. E está claro quem é a voz oficial, nesta reportagem.

Na continuação da reportagem, vimos uma referência ao acordo feito entre as *facções* H.e F., ambas palestinas, para que se tornassem unidas. A respeito desta união, *americanos e israelenses reagiram com cautela ao acordo*. Esta parte do enunciado aproxima israelenses de americanos, e traz, com o verbo *reagiram*, um sentido que pode estar no campo semântico de *bélico*. A expressão *com cautela* reforçaria isto.

No próximo exemplo, um tema de moral – ou de amor:

66. (PI) *Por que as mulheres traem? Como trabalha um detetive contratado por maridos desconfiados? O flagrante que desfez um casamento: a noiva, filmada com outro (...) Em que estados os homens traem mais suas parceiras? E onde são mais traídos? As mulheres, o que dizem? Será que elas se cansaram da infidelidade masculina? E os homens? Aprenderam a perdoar? (IMAGEM: UM HOMEM BALANÇANDO A CABEÇA NEGATIVAMENTE) Médicos e psicólogos explicam esta inesperada mudança de comportamento...*

A partir da idéia de que as mulheres teriam *se cansado da infidelidade masculina*, vemos, pela expressão *cansado*, que esta infidelidade é pré-concebida, ela existe de uma maneira *anterior*. A pergunta *se os homens aprenderam a perdoar* seria uma flagrante confirmação disso, no sentido da instauração de um consenso, de que perdoar não teria sido, até certo período, comum. Vemos assim a demarcação de papéis, cabendo ao homem, em última instância, uma escolha: perdoar, ou não perdoar. Não à toa, a imagem escolhida como resposta à pergunta feita pelo repórter mostra um homem balançando a cabeça negativamente, o que é uma estratégia narrativa de variação, mas que também sugere interpretarmos esta negativa, na pessoa de um cidadão anônimo, como uma “voz que está em todo lugar”, uma “idéia que está em todas as mentes”.

Outros fatores que marcam a surpresa do tema feminino da infidelidade estão explícitos, em *inesperada mudança de comportamento*, e implícitos, com a busca

da versão de psicólogos e médicos, que no nosso entender aproximam a questão mais do ponto de vista *behaviorista*, *comportamentista*, portanto, caráter bipolar de norma/desvio, do que do ponto de vista da sociologia e da antropologia. Não sabemos se no interior do programa anunciado houve esta abordagem. Porém, a título de resumo do programa, como chamada no telejornal, prevalecem as expressões do consenso, ou seja, os homens *traem, naturalmente*, e as mulheres, *excepcionalmente*. A expressão *fidelidade* seria, também, uma possível candidata a *ícone*. E a voz de *médicos e psicanalistas*, o pacto da credibilidade.

No próximo exemplo, vemos como o sentimento de revolta, às vezes, pode causar generalizações verbais:

67. (RC) *Os quatro bairros do subúrbio do Rio, por onde os assaltantes passaram arrastando o menino, são cercados por morros e favelas.*

Os *quatro bairros do subúrbio* aqui referidos estão como vítimas de *morros e favelas*, que os *cercam*, ameaçadoramente. *Subúrbio*, que etimologicamente é marcada como “inferior”, e geograficamente representa um anel em volta de um centro, encontra mais um círculo: *morros e favelas*, marcados negativamente.

Veja-se agora a visão, reforçada, sobre uma fatia da identidade nacional, os gaúchos, que o telejornal assume numa reportagem de partida de futebol, onde os dois técnicos são gaúchos:

68. (RV) *D., F. (...) Gaúchos, exigentes, pavios-curtos. E à beira do campo...*

E vamos nos lembrar da visão, menos sobre o carnaval do que sobre o Brasil, que está no exemplo número 59, já comentado, e que repetimos aqui, sugerido desta vez como *estereótipo*:

69. (E) *Acho que a única coisa organizada no Brasil é o nosso carnaval.* (anônimo)

4.2.5

Vozes acessadas

Repetimos resumidamente o conceito de *vozes acessadas* no jornal (ver item 1.5.2), utilizado pelo lingüista Roger Fowler (1991), citado em Ikeda (2005): “são visões e estilos de um corpo privilegiado de políticos, servidores públicos, diretores, gerentes, especialistas de vários tipos”.

Ikeda (2005) comenta que “acessar vozes” é efetivar “o desequilíbrio entre a representação do que é privilegiado, de um lado, e do que não é privilegiado, de outro, com uma constante invocação da visão oficial”.

Vejamos como se faz esta presença, ou esta institucionalização de vozes, no telejornal (as vozes que consideramos “acessadas” estão destacadas):

70. (S) **Um estudo divulgado hoje em São Paulo** *sugere o caminho que o Brasil deve seguir nas próximas décadas para encontrar novas fontes de energia...*

71. (RC) **O Green Peace (...)** *acha que o Brasil tem condições de cortar aos poucos a queima de carvão e combustível, e chegar em 2050...*

Este é um exemplo de metáfora verbal, onde *cortar* pode ser substituído por outros verbos, mais “próximos” semanticamente, como por exemplo, *diminuir*. Encontramos vários outros exemplos de metáforas verbais, ao longo do nosso estudo, porém não consideraremos pertinente sua análise, a não ser que estes verbos sejam também metáforas de outro(s) tipo(s).

72. (NP) *Uma multidão invadiu as instalações da Shell (...)* **A polícia militar usou bombas de gás lacrimogênio e tiros de borracha para acabar com a ocupação. Os manifestantes** *querem a nacionalização do setor de energia na Bolívia...*

Quando se diz *uma multidão*, igualada em seguida a *Os manifestantes*, a *multidão* corresponde a uma voz acessada – o jornal reporta o que *os manifestantes* *querem*. Porém essa voz não tem prestígio, pois ela é vista fazendo

uma *invasão*, portanto, uma *afrenta* a uma instituição que representa a voz oficial. Além disso, *a multidão* tem como opositor a *polícia militar*, de prestígio – a princípio – valorizada, e com credibilidade para *acabar* com a ocupação. Este último verbo nos remete, mais uma vez, à desvalorização de *multidão*. Talvez, a sugestão de manifestação radical, delineada com expressões como *ocupação*, *polícia militar*, *bombas*, *tiros* e *acabar*, justifique o uso da expressão *querem*, relacionada a manifestantes, pois sabemos que o verbo utilizado poderia ter sido *pedem*.

O próximo exemplo reporta os empurradores de carros alegóricos, no desfile de escolas de samba, no carnaval do Rio de Janeiro. Vejamos como se daria o reconhecimento social deste grupo de pessoas acessadas no telejornal, atentando também para a riqueza narrativa da reportagem:

73. (NP) *Por trás da beleza dos carros alegóricos está o time incansável dos empurradores (RV) Sempre com a ingrata tarefa de empurrar os carros alegóricos ao longo do sambódromo. Setenta minutos de samba, suor e força (...) Com 15 carnavais no currículo, o velho empurrador tem muito que ensinar. Mas nem a voz da experiência consegue acalmar o jovem ansioso (...) Hoje são noventa (empurradores), que só entram em ação se o motor falhar. Bem diferente do sacrifício do passado (E) Aquelas pessoas que sempre trabalharam comigo e roeram osso, na época do difícil, hoje eles têm que comer um bife de (...) alcatra (RISOS), então tem que dar prioridade para eles, entendeu?*

Primeiro, os empurradores estão reunidos, formando um *time*. Depois, eles aparecem como *incansáveis*, ou seja, *bons trabalhadores*. O jogo social onde eles atuam está definido: eles estão *por trás da beleza dos carros alegóricos* – uma metáfora semiótica, de *estar atrás* como *estar nos bastidores*, e/ou *nos fundos* do carro.

A expressão *setenta minutos de samba, suor e força* remete a uma intertextualidade com a expressão “sangue, suor e lágrimas”, uma expressão já do domínio popular. Mas, se há uma sugestão das dificuldades, há uma contrapartida,

com várias expressões que lembrariam prestígio: *15 carnavais no currículo; o velho empurrador tem muito que ensinar; e voz da experiência.*

Haveria outra exposição explícita de ordenação social, quando o “chefe dos empurradores” menciona que, no passado, eles *roeram osso*, em consonância com a expressão usada logo atrás, *o sacrifício do passado*; portanto, hoje teriam direito ao *bife de alcatra*. Notamos a pausa antes da palavra *alcatra*, como uma ênfase, traduzida como ironia. O termo *alcatra* está sugerindo o grau máximo de status social, até onde a “classe” dos empurradores poderia chegar. A cena de fundo é um churrasco do grupo. A exposição da realidade, aqui, é *carnal*. Sugerimos uma associação entre a cena do churrasco, como uma culinária do alimento *carne*, e o trabalho braçal, de *suor e força*, dos *empurradores*.

O próximo exemplo se refere ao episódio do prefeito de São Paulo, que chamou algumas vezes de *vagabundo* a um fabricante de placas publicitárias, quando este resolveu manifestar seus problemas profissionais com o prefeito durante uma inauguração de um centro de saúde:

74. (E) **Uma autoridade municipal da maior cidade do país**, em hipótese alguma poderia ter a atitude que teve (P. F., Vereador - SP).

O vereador autor do enunciado acima deixa uma inferência possível, a partir de sua fala, de que, em se tratando de cidades menores, o incidente poderia ter passado como normal. Por isso achamos que a cidade de São Paulo, aqui, está sendo dimensionada, ela mesma, como *autoridade* em relação a outras.

75. (RC) Segundo as **autoridades curdas**, os rebeldes sunitas tentam desestabilizar a região rica em petróleo (...) Um **novo relatório da CIA** (...) pela primeira vez usou a expressão “guerra civil” para descrever a situação no Iraque. O relatório reconhece que (...) mas **a CIA** conclui que se os EUA retirarem suas forças, o Iraque entrará em colapso.

Aqui temos a oposição *autoridades curdas* versus *sunitas rebeldes*. Acreditamos que as palavras *autoridades* e *rebeldes* são metáforas ontológicas.

Ambas são adjetivos transformados em substantivos, portanto, são *características*, cristalizadas em padrão de *nomes*, ou ainda, são *qualidades* cristalizadas em padrão de *seres*. Interpretamos esta fixação de uma qualidade em ser, mais uma vez, como um ocultamento dos contextos onde estas palavras aparecem – a carência de *interpretantes*. Novamente, autoridades e rebeldes têm apenas um valor nominal, pois, ainda que tenhamos um mínimo de contexto, que são os conflitos no Iraque, o código, ou repertório da questão da guerra nos é desconhecido, pois não se trata apenas de um confronto internacional, mas também de uma política internacional. Conhecemos apenas o código da guerra, onde os dois lados opostos são claramente delineados. Mas desconhecemos o código político, que é o que realmente engendra as ações no mundo. O código político, para o qual o nosso estudo às vezes tenta chamar a atenção, não circula com frequência, de maneira explícita, nos meios de comunicação, nem na linguagem oral. Porém, ele está delineado, estruturalmente, nas expressões do código efetivamente usado, que aqui no caso, é o da guerra. A guerra, assim, é nomeada: *um novo relatório da CIA (...) pela primeira vez usou a expressão “guerra civil”*.

Veja-se a questão da importância da voz, emitida pelo “relatório da CIA”. Observamos, ainda, que o adjetivo *novo*, em *um novo relatório da CIA* nos sugere que tais relatórios são feitos periodicamente, ou seja, têm um caráter moral, no sentido de estabelecer o código possível de comunicação, para uma audiência que aguarda o estabelecimento deste código, deste repertório, para então poder se posicionar.

O interessante nestas reportagens sobre o Iraque é que, como as relações americanas com este país, desde o início, se pautaram na premissa – que se mostrou desde o projeto da missão, falsa – de invadi-lo para destruir armas químicas que poderiam estar na mão do governo do Iraque, visto agora como “terrorista”, todos os pronunciamentos jornalísticos sobre esta questão nos mostram exatamente este *vai-e-vem* de informações contraditórias. Já vimos algumas expressões que demonstram esta contradição (ver exemplo 61), numa entrevista com o ex-prefeito de Nova York. No exemplo acima, temos, por um lado, o fato de que *o relatório reconhece que há uma situação de caos. Mas – como diz a reportagem –, a CIA conclui que se os EUA retirarem suas forças, o Iraque entrará em colapso.*

Paz e guerra, colapso e ordem, entre outros opostos, estão partilhando de contextos muito inexatos, assumindo, ora um, ora outro, significados iguais, ou, melhor dizendo, resultados nulos. Podemos pensar, assim, que o discurso oficial sobre a *guerra do Iraque* quer exatamente *não ser preciso*. Tudo se oculta. Do sepultamento dos soldados e dos civis mortos às manobras políticas para se convencer o congresso americano, o povo americano e a opinião mundial da importância de “intervenções” naquele país.

No final do enunciado, vemos que *a CIA conclui*, ou seja, diz a última palavra. Novamente, o poder é devolvido à voz oficial. Aquilo que é concluído confirma mais uma vez o caráter contraditório da *guerra*: a idéia de que o Iraque entraria em colapso sem as forças americanas, pois os telejornais noticiam, todos os dias, a história do colapso que já existe, sem o dizer explicitamente – a não ser em seções de *crônicas*. (Lembramos que o Jornal Nacional já lançou mão várias vezes desta seção, com comentários, diários, ou periódicos, de um jornalista. Porém, no período por nós pesquisado, não encontramos nenhuma seção de crônica no telejornal.)

Por fim, a idéia de que os Estados Unidos são, no momento, o *pilar* do Iraque, inferência simples do que foi dito no final do enunciado, está recolocando novamente o país Estados Unidos como o país da voz oficial dos fatos.

A reportagem segue, reproduzindo este código:

76. (RV) **o relatório da CIA** *contraria a visão otimista do presidente G.B., que está mandando mais tropas para Bagdá, e prometendo vitória sobre os rebeldes.*

Nesta continuação, há uma divisão de opiniões, por parte das duas vozes principais – *governo americano (presidente)* e *CIA*. Porém, vemos novamente as metáforas sem contexto, *vitória*, e *rebeldes*. No exemplo a seguir, ainda que o propósito do governo americano seja de *ajudar*, vemos novamente a reiteração de expressões que marcam a política de poder implicada com a guerra, através da idéia de *cuidar*, o que nos sugere a idéia de *propriedade*:

77. (NP) **O governo americano** *qualificou o ataque de atrocidade, e prometeu ajudar o governo do Iraque a cuidar da segurança em Bagdá.*

Vemos também a questão da voz oficial, por parte do governo americano, através do uso do verbo *qualificou*, ou seja, o governo americano tem o aval para qualificar um acontecimento.

Não discutiremos a expressão *atrocidade*, pertencente ao repertório da voz oficial, *governo americano*. Apenas lembraremos que ela também faz parte do repertório da *guerra*. Portanto, temos uma tautologia, uma repetição, já que, uma vez declarada a guerra, seria natural que ambas as partes se atacassem.

Os dois próximos exemplos nos sugerem como o próprio telejornal se mostra como uma importante voz, exercendo, ele também, poder de atração – e às vezes de divulgação de um consenso.

78. (RC) **O Jornal Nacional** *teve acesso a um relatório do Setor de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública. O documento indica que algumas dessas comunidades teriam sido ocupadas nos últimos meses pelas milícias. Uma delas, o Morro do Fubá, no bairro de Cascadura, onde moram os dois jovens que confessaram o crime.*
79. (CH) **O Globo Repórter** *de hoje vai investigar um dilema dos relacionamentos amorosos: a infidelidade.*

Quando dizemos que o telejornal pode acabar reproduzindo o *saber oficial*, negociado em meio às reportagens, não estamos querendo dizer que o telejornal segue alguma ideologia política específica. Ele apenas seguiria os preceitos para os quais ele foi instituído, que, modernamente falando, podem se traduzir em informar e formar opinião. Porém formar uma opinião indica, inevitavelmente também, uma tomada de posição.

Além disso, ao se inserir no contexto do *nacional* (ver item 3.5), o telejornal se obriga a cumprir uma agenda oficial de caráter *nacional*, reproduzindo muitas vezes o discurso – portanto a ideologia – daqueles que têm

acesso aos meios nacionais de comunicação. Por exemplo, no que se refere às reportagens sobre as ações dos Estados Unidos no Iraque (exemplos 75 a 77), mesmo que se busque entrevistar os opositores dessas ações, ou mesmo que se tenha um cronista como leitor crítico dos fatos, as vozes oficiais nunca deixam de marcar sua presença, uma presença que não é apenas aleatória, conforme a evoquem os fatos, mas uma presença *agendada*, ou, ainda, *sistemática* – onde muitas vezes é fazedora de fatos.

No próximo exemplo, o telejornal se faz de *voz*, ao antecipar o que o diretor do SENAI irá dizer no prosseguimento da reportagem.

Notamos ainda forte tom coloquial, além de autoridade, na expressão *aumentou, e muito*:

80. (RV) *No ano passado, a procura por cursos técnicos (...) era de 600 vagas por mês. Agora, a disputa aumentou, e muito. Hoje existem 300 pessoas na fila de espera. E a saída para não deixar ninguém sem capacitação vai ser a parceria com outras empresas.*

Veja-se agora reportagem sobre pesquisa da UNESCO sobre a sexualidade dos estudantes brasileiros:

81. (NP) **Uma pesquisa da UNESCO retrata o comportamento sexual de estudantes brasileiros (...)** *A UNESCO ouviu 17 mil estudantes, 6 mil pais...*

O comportamento sexual de estudantes brasileiros é *objeto*, fazendo-se *uma pesquisa da Unesco* o sujeito, a pessoa. As expressões *comportamento sexual* e *estudantes brasileiros* têm, neste caso, um caráter de *índices* – na teoria semiótica –, ou *metonímias* – em uma teoria funcional. São metonímias, porque são generalizações do tipo *todo pela parte*.

Vemos nessa redução metonímica, também uma redução de *símbolo* a *índice*. Ou seja, esta pesquisa pode ser instrutiva, ou nova, apenas se tratar questões e atores complexos (sexualidade e jovens brasileiros) de uma maneira também mais resumida, ou metonímica – na verdade, toda pesquisa quantitativa é uma metonímia: mostra uma parte, significando o todo.

Ainda na linha de quem proporciona os fatos, ou dos agentes vinculados – e veiculados – com fatos, temos o seguinte exemplo:

82. (NC) *Chegou à Grã-Bretanha o vírus da gripe aviária, que já matou 164 pessoas no mundo (...) as autoridades garantiram que já adotaram medidas de proteção, e pediram calma à população.*

A *personificação* de *vírus* está em coerência com o seu poder destruidor. Em seguida, a expressão *as autoridades* institui uma oposição com *a população*. São vozes acessadas: *autoridades* são o comando esperado. Um comando também tautológico: *garantir; adotar medidas; pedir calma à população;* como a própria tautologia do termo *autoridades*, no plural, generalizadamente.

4.3

Recursos discursivos (de coerência narrativa)

Lembramos que, neste item, enfocamos os recursos empregados para união entre os enunciados, sua coesão e sua coerência. Esta união compensaria a própria natureza fragmentada do telejornal, com notícias muitas vezes sem conexão semântica entre si. Eles fazem parte de uma textura que tenta compor uma coerência narrativa.

Observamos os seguintes fenômenos: *Conectores* (4.3.1); *Agendamento* (4.3.2); *Enunciação* (narração de história) (4.3.3); e *Didatismo* (4.3.4) – os critérios de análise (sintáticos, semânticos, de nível textual e de nível pragmático) que nos levaram a definir estes fenômenos se alternam.

O último subitem (4.3.5) terá o caráter de apêndice. Trata-se de um grupo específico de transcrições de reportagens sobre a crise nos aeroportos brasileiros, no início de 2007.

Vejamos cada subitem:

4.3.1

Conectores

Chamaremos de *conectores narrativos* as expressões que iniciam um enunciado fazendo referência (sintática ou semântica) ao final do enunciado anterior, ou seja, *marcadores de continuidade: aqui no Brasil/ do outro lado do mundo...*; a seguir...; sonoridade das palavras, pela repetição; começo de frase por *E; enquanto o mundo...; vamos ver como...*

São estes os contextos:

83. (NP) **Do outro lado do mundo**, 442 pescadores amadores (...) foram resgatados no mar (...) na Rússia.

Esta reportagem vem logo depois de outra que se passa nos Estados Unidos. Vemos o conector semântico *do outro lado do mundo*, iniciando a frase e criando a continuidade.

Temos, no exemplo seguinte, a sugestão ao lugar da enunciação, a expressão *aqui no Brasil*, fazendo a ligação com o assunto anterior, o Iraque. Além disso, o indicador *aqui* está marcando o comando do jornalista, e também a consciência na narratividade:

84. (CH) **A seguir**, novos atentados na guerra civil no Iraque / *Aqui no Brasil, a fé do povo do nordeste desfila em romaria a Nossa Senhora.*

Não deixamos também de notar como estes dois assuntos, colocados paralelamente, juntos numa “chamada” para o bloco seguinte de notícias, consciente ou inconscientemente, trazem um contraste, ou uma ironia, que seria o país estrangeiro trazer um tema árduo, a guerra, e o nosso país trazer como tema a fé e a religiosidade do povo do nordeste.

Há também uma certa *standardização* com relação à ligação do povo do nordeste à fé religiosa, numa generalização. Uma associação automática, do tipo das que analisamos sobre os estereótipos (item 4.2.4).

O termo *fé* é metaforizado, através do fenômeno da *personalização*, o que sugere uma ênfase em seu *ser*, em sua existência, reforçando a visão generalizada que citamos. Uma *fé que desfila* nos parece uma construção rara na narrativa jornalística, mas lembramos que se trata, aqui, de uma *manchete*, e também, de um tema popular. Este último, como vimos dizendo ao longo deste estudo, mantém coerência com tais permissões metafóricas. E um certo tom de anúncio, de espetáculo e de triunfo, deduzível da frase, também estaria coerente com sua localização na manchete.

O próximo enunciado está em uma *abertura* do telejornal (em linguagem jornalística, *escalada*). Ele demonstra uma conexão sintática, com uma composição das manchetes segundo um critério de coerência narrativa, através da repetição da expressão *as chuvas* no início de duas frases. Este recurso, a redundância, sugere uma narratividade literária, prosódica, rítmica, próxima da poesia – lembramos a coerência de isto poder ocorrer, na *escalada*:

85. (NP) **As chuvas** de verão alimentam o rio São Francisco/ **As chuvas** caem sobre São Paulo. E o aeroporto mais movimentado do Brasil pára de novo...

Vemos também a expressão *E* começando uma frase, um conector característico da oralidade e da informalidade. Ainda que no próximo exemplo – e outros – não se possa dizer o mesmo para este conector, ele marcará uma narratividade.

A expressão *de novo*, de linguagem mais oral, é denotativa de impaciência.

86. (NP) *Madeirasas estão derrubando árvores de uma reserva indígena do Pará. E segundo a polícia federal...*

Note-se agora como se dá a passagem do tema do aquecimento global para a previsão do tempo. E note-se como a previsão do tempo, que já traz em si o tema da previsibilidade, vai reforçar nossas suposições de que certos pontos do telejornal marcam o compromisso com o telespectador. A previsão do tempo é um deles – em maior escala, e menos quantidade, há as Olimpíadas, a Copa do mundo

de futebol, eleições e outros eventos, periódicos ou esporádicos, ou mesmo constantes, como é o caso do tema da violência e as notícias do governo.

87. (NP) **Enquanto o mundo discute o aumento da temperatura, vamos ver como os termômetros vão se comportar por aqui nos próximos dias?...**

Não deixamos de notar como tal compromisso com o leitor, no agendamento de um programa cotidiano, se faça acompanhar de expressões como *vamos ver como os termômetros vão se comportar*. Trata-se marcadamente de um convite, em forma afirmativa. Ou de um guia narrativo. Porém, notamos um forte teor de subjetividade discursiva no trecho *enquanto o mundo discute o aumento da temperatura (...)*, o qual também tem um efeito direto de anunciar a próxima reportagem, conduzindo a narrativa de maneira contínua, e marcando a continuidade, numa consciência metalingüística, ou seja, o jornalista explicita que mantém o controle da atenção do telespectador. É a consciência de um pacto televisivo.

Sobre o agendamento sugerido pela previsão do tempo, vejamos como se dão alguns outros, relativos aos temas futebol, carnaval, e aqueles agendamentos provocados pelos fatos que continuam no(s) dia(s) seguinte(s) a sua enunciação.

4.3.2

Agendamento

Chamamos *agendamento*, no telejornal, os recursos lingüísticos envolvidos na confecção das notícias, que pretendem fidelizar o telespectador, numa primeira análise, e que, numa segunda reflexão, sugerem a “fidelização” de conceitos da própria estrutura social, e conceitos das instituições nacionais.

Os agendamentos percebidos se dariam através de: a) referências lingüísticas explícitas (*hora dos gols deste sábado, vamos começar pelo Cruzeiro; já é carnaval*); b) referência a notícia anterior (*o prefeito de São Paulo se descontrolou ontem; a tragédia se completa*); e c) reportagens em série (*O JN começa hoje um passeio...; amanhã, na segunda reportagem da série...*).

Vejamos cada item a seguir:

a) referências lingüísticas explícitas:

88. (NP) *Hora dos gols deste sábado pelos campeonatos estaduais. Vamos começar pelo Cruzeiro...*

A *hora dos gols*, como chama o próprio repórter, é outra das seções de compromisso marcado com o telespectador. E por isso, um elemento de coerência narrativa importante; em programas dominicais, é um momento destacado. *Vamos começar pelo...* é um recurso narrativo, interno, de organização temporal.

Com o próximo exemplo, queremos mostrar que há uma seqüência narrativa correspondente a uma seqüência de dias passados:

b) referências à notícia do dia anterior:

89. (CH) *O prefeito paulistano, G.K., se desculpa pelo descontrole de ontem num posto de saúde (...)* (RC) *Hoje, a palavra “vagabundo” apareceu em faixas em um viaduto sobre uma das principais avenidas da cidade.*

Aqui há uma citação de uma edição anterior, quando o prefeito de São Paulo teria se descontrolado, durante uma cerimônia de inauguração.

Notamos que o pedido de desculpas tem espaço na nova reportagem, confirmando os princípios de democracia – mas também manutenção da ordem, mesmo que da lógica da emissora –, confirmando também o telejornal como palco de atitudes públicas não apenas reportadas, mas criadas, em seu momento de enunciação, a própria reportagem. Em outras palavras, o telejornal cumpriria uma função de cidadania, valendo-se de recursos relativos a tribunais, onde se negocia o consenso, o senso comum – lembramos o título de um livro sobre jornalismo: “Jornal Nacional: a notícia faz história”. Ou seja, o telejornal é palco para uma série de atividades cidadãs, e isto é publicamente sabido, desde a fundação do gênero discursivo. No caso do exemplo supracitado, é interessante que esta função se exerça exatamente num episódio com a autoridade maior da maior cidade, e que uma reparação verbal, por ele mesmo, tenha sido exemplo de restabelecimento do consenso.

O exemplo seguinte faz referência a uma reportagem que se deu no dia anterior:

90. (NP) *A tragédia se completa: morre a criança queimada.*

Este enunciado estava no mesmo espaço do telejornal – abertura – de um enunciado que tratava sobre o mesmo assunto, no dia anterior. Isto demonstra a criação de vínculo histórico, portanto vital, entre telejornal e telespectador. Este exemplo seria um agendamento indireto, ou seja, age por retroação no tempo. A notícia, já tratada como “fato do qual falamos ontem”, já está insinuada na enunciação, desde a primeira manchete. Este ato de enunciação é assumido, no telejornal, mesmo que nem todos os telespectadores daquele momento saibam o que se passou. O que nos leva a uma observação do agendamento também para frente, a fim de conquistar uma audiência que, se não se deu ainda, pode se dar, daquele instante em diante.

c) reportagens em série:

Salientamos que as reportagens em série, que se aproximam da linguagem do documentário, são testemunhas da busca do telejornal por um tratamento mais completo da notícia, por um lado, e o estabelecimento de um pacto de continuidade, por outro. São também resultado de um empréstimo de outros gêneros midiáticos, como a reportagem de revista.

No período em que foi realizada a transcrição de enunciados, foi abarcado um evento periódico importante, sazonal, o carnaval brasileiro, do qual traremos três reportagens maiores, em forma de reportagens em série.

Como comentamos na Metodologia (item 1.3), o carnaval, o samba, e, portanto, o calor humano e a festividade são metáforas nacionais, no sentido de conceitos sistematicamente explorados pelos termos lingüísticos escolhidos em um discurso. Como evento sazonal, o carnaval, a mais popular das festas brasileiras, não poderia deixar de ser tão rico narrativamente, em termos de expressões da linguagem oral:

91. (NP) **Já é carnaval** no Rio de Janeiro (NP) *O Jornal Nacional começa hoje um passeio pelo carnaval brasileiro, a nossa maior festa popular.*

A expressão *já é carnaval* é também uma exaltação, traz uma sonoridade, e sugere uma intertextualidade – próxima à redundância. *O Jornal Nacional começa hoje um passeio* é uma radicalização do que estamos tratando neste item, o agendamento, neste caso para o futuro. *Passeio* denota uma permissão, e um caráter de caminhada agradável, além do convite à familiaridade.

Transcrevemos então algumas reportagens da série especial sobre o carnaval, incluídas no título chamado *Identidade Brasil*, naturalmente também abundantes em expressões orais, expressões metafóricas e expressões que firmam nossa identidade:

92. (RC) *O carnaval é o espelho do Brasil (...), mistura de muitas tradições (...)* No Rio e em São Paulo imperam as Escolas de samba. **Turbinadas** por suas baterias (...) **Claro** que ele (o mestre de bateria) conhece o toque da percussão de São Paulo (...) **Mas** bem antes da explosão das Escolas (...) **Sim** (...), o berço do samba de São Paulo está na cidade de (...) **Afinal**, o samba paulista tem muito orgulho do seu passado (...) **E** R.M, carnavalesca veterana das escolas cariocas, sabe bem como tudo isso começou [...] **Opa** (...) *Coco de Alagoas [...]* **ué, mas** estes não são os instrumentos tradicionais do *Coco* (...) Rio de Janeiro (...) e vocês estão tocando o *Coco*? (RC) **Olha** só Dona C., de 85 anos... (no carnaval de Recife).
93. (NP) *Diz a sabedoria popular que a bateria é o coração de uma escola de samba, é um órgão vital, que pulsa, que determina o ritmo de desfile. E se aquele conjunto harmonioso de músicos tem esse poder todo, imagine então o chefe, o comandante deles, o mestre de bateria (RV) Juntinho do ouvido, Odilon afina cada instrumento. No comando da bateria da Grande Rio, talvez a mais completa tradução de um mestre (...)* Professor de música, é o **rei**

do detalhe (...) *As mãos do maestro desenham um som na Grande Rio* (...) *Um comando tranqüilo é a chave* (RV) *No ensaio da Imperatriz Leopoldinense, Jorjão já começa na bronca* (E) *Às vezes dá vontade da gente chutar o balde* (...) *mas a gente releva* (RV) **Releva** e segue o comando das mãos desse mestre do rigor. E não trocam o inventor da batida funk **por nada nesse mundo**.

Aqui o tema escolhido foi o “mestre de bateria de escola-de-samba”. Para um tema popular, um começo popular, sobre a sabedoria popular: *diz a sabedoria popular que a bateria é...* Em seguida, temos a metáfora da escola de samba como *corpo, organismo*, e as metáforas *órgão vital, pulsa, e determina o ritmo*. O termo *imagine então* faz parte daquele recurso subjetivo, do qual o jornalista lança mão, para se familiarizar com o público. A expressão *juntinho do ouvido* nos sugere uma familiaridade raríssima no discurso do telejornal, que é o emprego do diminutivo – lembramos que o diminutivo faz parte daqueles recursos que em Português do Brasil podem ter pelo menos três funções significativas, quais sejam, a idéia de intensidade, ou de afetividade, ou de ironia.

A expressão *talvez a mais completa tradução de um mestre* nos parece uma paráfrase de uma passagem de uma letra de canção brasileira famosa, chamada “Sampa”, cujo compositor se refere a uma cantora paulista como *a sua mais completa tradução* (“sua”, aqui, diz respeito à cidade de São Paulo). Vemos, portanto, uma citação, de um outro “repertório”, mas próximo, ou seja, uma intertextualidade apenas possível em temas mais informais, e cuja circulação remete a uma comunidade de fala específica, no caso a comunidade artística. Na seqüência, metáforas quase imediatamente encadeadas, com uma liberdade metafórica e narrativa acima do comum das outras reportagens: *rei do detalhe; as mãos do maestro desenham um som na Grande Rio; um comando tranqüilo é a chave*.

Interpretamos esta seqüência como uma referência àquilo que há de mais familiar na cultura brasileira. Acreditamos que o carnaval seja uma dessas referências. Assim, expressões adequadas marcariam esta referência máxima da festa no Brasil: *rei, maestro, comando*. Vemos, então, na reportagem sobre o mestre de bateria de escola de samba, uma entronização – que não deixa de ser apenas sazonal – do herói popular.

Outra expressão coerente ao tema popular: *Jorjão já começa na bronca*. Compare-se, depois, o que diz um entrevistado, participante da bateria cujo mestre é o referido Jorjão, com a metáfora *chutar o balde*.

Em seguida há um uso que nos sugere um forte recurso narrativo, que é o texto do repórter estar começando da última palavra do entrevistado – a expressão *relewa* –, criando assim uma continuidade narrativa que se quer única, unificada, em “uma só voz”. O grau de informalidade encerra a reportagem, com a expressão *por nada nesse mundo*. Poderíamos concluir que, para reportagens sobre eventos tradicionais e muito populares, idéias como “não trocar algo por nada nesse mundo”, elemento do texto do repórter, reforçam exatamente a tradição. Isto também seria considerado por nós, mais do que uma coincidência semântica, uma “coerência narrativa”.

Vemos com este exemplo como a identidade brasileira é revista pelo telejornal, no sentido da consagração das tradições populares. Poderíamos dizer que é uma reportagem que *exalta* um acontecimento, neste caso o acontecimento do carnaval brasileiro. Por isso, seria também uma confirmação de nossa identidade. Não é à toa que esta reportagem está inserida em um título, dentro do telejornal, criado especificamente na época do carnaval, e que se chama “Identidade Brasil”. Este título aparece na tela, como um logotipo criado especificamente para estas reportagens especiais. Linguisticamente, a confirmação da festa nacional como acontecimento identitário do brasileiro se dá, coerentemente, através da busca e uso intensivo de elementos da língua oral.

Vejamos então a terceira reportagem da série, onde podemos comprovar que permissões narrativas do tipo da interferência do repórter na cena são comuns:

94. (RC) *O carnaval do Brasil. Ou melhor, [...] os carnavais do Brasil. O urso acorrentado pelo caçador, o empresário, sua **pastinha**. A pequena banda. **Sanfoninha** [...] E todo ano **tem** surpresas (...) E este ano [...] E se alguém quiser conhecer todos os ritmos do carnaval baiano, **tem que** passar uma temporada aqui (...) O samba-reggae é a assinatura sonora do Olodum. Mas essa batida é obra de um mestre. O mestre de bateria.*

No primeiro caso, ênfase de entonação na palavra *os*. Na segunda vez, ênfase de entonação na penúltima sílaba da palavra *sanfoninha*. E na terceira vez, na palavra *ano*. Temos que levar em consideração que tais ênfases entonativas não teriam efeito sem as imagens que as acompanham. É interessante notar que, neste exemplo, as imagens assumem a função das estruturas frasais, as quais, propositadamente, o repórter suprime: *o urso acorrentado pelo caçador, o empresário, sua pastinha. A pequena banda. Sanfoninha...* Ou seja, sintaticamente, temos apenas *sujeitos*. Faltam os *predicados*, a nosso ver compensados pelas imagens.

No terceiro caso de pausa, a imagem literalmente assume a função de uma palavra, “completando” a frase, que, vista apenas no aspecto verbal, termina assim como nós transcrevemos.

A conjunção coordenativa *E*, no começo de duas frases, em seqüência, confirma a liberdade narrativa do repórter.

Devemos ressaltar também a riqueza, ou a coerência narrativa, no uso da palavra *mestre*, aqui explorada em duas concepções diferentes, uma geral, e outra específica.

Completando o agendamento, temos:

95. (CH) *Amanhã, na segunda reportagem da série...*

Além dos exemplos de agendamento referidos, mencionamos ainda reportagens ligadas a eventos periódicos (festas populares, religiosas, o “final de ano”, a Copa do mundo de futebol, os Jogos Olímpicos – onde uma série de afirmações sociais são engendradas, e uma série de referências nacionais e existenciais são afirmadas), e os de forte impacto, incluindo-se os de alto padrão de novidade e reportagens policiais sobre casos que teriam muito pouco a ver com a vida concreta das pessoas, mas que chamam a atenção do público, exatamente pelo potencial novelístico, folhetinesco de que se constituem. Como exemplo, notamos, ocasionalmente, o acompanhamento intenso de um assassinato passional, ou um crime hediondo cometido no âmbito de classe média alta.

Estes foram exemplos que julgamos explicitamente ligados à questão do agendamento. Mas, desde o início deste estudo, temos chamado atenção para que o telejornal, por ser diário, já traz um adiamento natural – e como na novela,

quando se perdem algumas edições, é possível “pegar a história na frente”, pois há uma preocupação constante, entre o meio jornalístico que analisamos, de contextualizar a notícia ao máximo, esclarecendo o passado dela, se ele é necessário para o entendimento da notícia presente, de modo que o telespectador que não saiba o que se passou anteriormente possa acompanhar a notícia dali em diante.

Como dissemos no início deste item (4.3), o *agendamento* está repleto de expressões da oralidade. Pudemos ver isto nas reportagens de carnaval, como era previsto. E a oralidade continua, também entremeada aos “enunciados” do próximo item.

4.3.3

Enunciações

São enunciações aquelas reportagens que recontam uma história (Sodré & Ferrari, 1986), ou seja, narram um fato, recriando a narrativa, tendendo a usar ou elementos da fala oral, ou elementos mais encontrados na literatura, no cinema, no documentário. Veja-se isto na preocupação com a descrição da cena, passo a passo, no acompanhamento da história, e na narração no presente.

Podemos interpretar este tipo de reportagem como uma espécie de re-encenação, onde o repórter “refaz o trajeto” da notícia que ele quer mostrar – recurso que não é inédito na história do jornalismo (ver item 3.2), e que com o tempo assume distintas estéticas.

Vejam-se estas:

96. (RV) *Quatro quilômetros de joelhos, um pedido atendido e a determinação superam o sofrimento* (Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, no RGS).

Notamos os recursos da *enunciação* na tendência subjetivista que este trecho traz. Notamos uma aproximação com a narrativa de ficção. A imagem de uma pessoa pagando uma promessa intensifica esta impressão. Na seqüência, uma exploração intensa de recursos impressionistas:

97. (RV) *A protetora das águas é a mesma cultuada pelos primeiros marinheiros que vieram de Portugal povoar o sul do Brasil. Na imagem, a santa leva o filho por mares revoltos. Segurança que o menino também encontra nos braços da mãe (IMAGEM: MENINO NOS BRAÇOS DA MÃE) (RV) Tem gente que deixa até bilhetes junto com a oferenda (...) Mais de 300 balaios tomam conta da praia, protegidos pelos terreiros de candomblé, que cantam e dançam para Iemanjá (...) A três quilômetros da costa, os pescadores (...) entregam os presentes para Iemanjá.*

É preciso notar que o telejornal, neste momento, retoma-se de uma narratividade oral, e de certa forma reconta uma história para o telespectador, a própria história do evento reportado. Ou seja, a forma histórica do tema reportado encontra seu paralelo na forma de narrar da reportagem, que incorpora os aspectos de como contar uma história.

Vemos uma palavra denotativa, em *tem gente que deixa até bilhetes*, pois *até* está indicando uma inferência, de que além de *bilhetes*, há *muitas outras coisas*.

Observamos que, se a primeira parte deste enunciado não se configura como uma *metáfora semiótica*, no que diz respeito à relação texto/imagem, traz uma conclusão pertinente, que é a influência do elemento narrativo visual na estrutura da reportagem. Veja-se que, do *zoom* – aproximação da câmera – na imagem da santa com o filho no colo, o repórter articula uma continuidade com um filho no colo da mãe, nas ruas, ao lado dos jornalistas.

Poderemos observar este recurso narrativo em várias instâncias do telejornal – e certamente, nas metáforas semióticas.

98. (RV) *Para enfrentar o barro e cumprir o horário, muitos motoristas decidiram sair mais cedo da cama. Nem clareou, e Seu P. já enfrenta a estrada (...) (RC) Só ao amanhecer Seu P. chega à primeira fazenda. J. (...) esperava desde as quatro e meia da manhã (...) Chegar, os alunos chegaram. Mas com duas horas de atraso.*

Vários elementos nos remetem à oralidade: *nem clareou...e...*, uma expressão quase regional; *já enfrenta*, que tem a força de uma palavra denotativa de esforço, com *já* e a semântica do *enfrentar*; a expressão *só*, em *só ao amanhecer* denota a idéia do esforço; *chegar, chegaram...* é uma evidência do falar oral, uma expressão idiomática, que traz a característica de se completar com uma oração de caráter adversativo.

Veja-se mais uma *enunciação* com ênfase no tempo e nas horas:

99. (RC) *Ainda é madrugada quando o trabalho começa (...) A todo instante saem do forno quilos e quilos de castanhas torradas (...) Quando o sol aponta, já tem castanha assada (...) Todos os dias é assim.*

Veremos duas enunciações com o tema do futebol:

100. (RV) *Londres, dois graus. Um gaúcho se agasalha. Outro encara de [...] camisa mesmo (...) O time de D. tem F. caindo, brigando. O time de F.S. tem P. (...) E a bola caprichosamente [...] sai. D. mexeu no time [...] que até melhora (...) Portugal sim, ataca...*
101. (RC) *Faltam 4 horas para o único treino, e ainda tem jogador chegando. Da Espanha, lá vem R., só para dizer que [...] dificilmente vai dar. Se machucou na véspera. Da Itália, lá vem A., que pela primeira vez foi chamado por D. Veio pra dizer que [...] agora dá.*

Este enunciado é rico em marcas da oralidade, devido, principalmente, a se tratar do tema *futebol*. Quanto à *enunciação*, várias expressões a atualizam: *da Espanha, lá vem...*, *da Itália, lá vem...* Outras marcam a oralidade: *ainda, só para dizer que*, as duas pausas de ênfase indicadas pelo símbolo [...], e *dificilmente vai dar* e *agora dá*. Uma expressão, entretanto, traz uma marca forte de oralidade, acima do nível destas, comentadas, que ao nosso ver é a expressão *tem jogador chegando*. O termo *ainda*, que a acompanha, como palavra denotativa, sugere um julgamento, ou seja, de que os jogadores estão chegando *tarde*.

Discursivamente, a coerência narrativa se efetua na seqüência *da Espanha, lá vem R., pra dizer que, e da Itália, lá vem K., pra dizer que*, ou seja, uma repetição que busca uma *cadência* narrativa.

O sentido de comunidade lingüística pode ser visto aqui, no fato de o público de esportes saber, de antemão, a que se refere *o dificilmente vai dar* e *o agora dá*. Este público sabe que o verbo, não pronunciado, é *jogar*. Sinal de que a interação se dá pela força do contexto, do “conhecimento enciclopédico”, ou do “conhecimento de mundo”, compartilhados entre enunciador e enunciatário.

4.3.4

Didatismo

Neste subitem, lembramos que, no telejornal, são numerosos e de variadas formas os recursos didáticos buscados. O motivo que justificaria o didatismo seria o público generalizado a que o telejornal se destina. Mas acreditamos também em outros motivos.

Veremos o didatismo nos seguintes recursos: a) detalhamento dos fatos – através de reconstituições por animação, entre outros recursos; b) caráter de guia para o cidadão; c) uso dos *selos*; e d) uso dos *painéis*.

Vejamos cada um:

a) detalhamento dos fatos:

No próximo exemplo, sobre o final de um caso de seqüestro, ilustramos aquilo que mencionamos sobre o hiper-realismo (no item 3.3.3), quando sugerimos que pode haver, por parte do telejornal, um compromisso em mostrar os detalhes de uma notícia, recompondo-a. E que este detalhamento, com o objetivo de ser uma notícia, pode também assumir um caráter didático, indiscriminadamente a todos os públicos implicados na comunicação:

102. (NP) *Em São Paulo, chegou ao fim outro crime covarde (...) o seqüestro de três crianças (RC) Na delegacia de polícia, o reencontro de pais e filhos (...) K., os dois filhos (...) tiveram que entrar no carro (IMAGEM: simulação, por animação) e seguir para*

o cativo (RV) O comportamento da mãe, segundo a polícia, foi fundamental para esclarecer o caso. K. prestou atenção a detalhes do caminho que os criminosos fizeram, até chegar ao cativo, como curvas, lombadas e até uma escadaria. Depois de ser libertada, ela viu fotos de cativos que seqüestradores usaram nos últimos anos. E conseguiu apontar à polícia para qual favela ela e as crianças tinham sido levadas.

Queremos notar que o recurso da *simulação*, recompondo em cenas, por meio de animação, o momento do seqüestro, e depois o detalhamento do comportamento da mãe, podem ter efeitos práticos específicos, quais sejam, os de ensinar, tanto às pessoas que sofrem um seqüestro quanto às que praticam, como um refém pode levar a polícia até o local onde o refém estava preso.

Assim, com o compromisso de informar, e às vezes informar minuciosamente sobre um assunto que poderia ser considerado da área de inteligência da polícia, o telejornal pode estar exercendo uma função esclarecedora para pessoas que queiram praticar um crime, sendo também um meio de difusão deste.

Um outro exemplo seria o detalhamento de planos de roubos espetaculares, onde as ações podem ser mostradas passo a passo, ou edifícios públicos e seus mecanismos de proteção podem ser mostrados com detalhes.

b) guia do cidadão:

No próximo exemplo, procura-se alertar a população para um gesto concreto que ela deve fazer, se sentir seus direitos ameaçados:

103. (RV) É assim que Eunice faz diante das vitrines. Se não é bem informada, desiste da compra ali mesmo.

A reportagem diz respeito à obrigatoriedade das vitrines de lojas exibirem os preços de suas mercadorias. Neste enunciado, a pessoa reportada, uma consumidora, não foi atendida neste quesito, passando então a representar um modelo, para mostrar o que *não* pode acontecer.

As reportagens são definidas em pautas jornalísticas diárias. Muitas vezes entrevistas de rua seguem uma pauta preocupada com a questão do exercício da cidadania, fator constante nos propósitos de muitas emissoras. Outras vezes, a pauta segue um roteiro pré-estabelecido, de modo a impor ao entrevistado que cumpra uma seqüência de respostas ou declarações que o próprio telejornal já espera que ele dê. Os textos, tanto do repórter quanto do entrevistado, se tornam, então, previsíveis, como por exemplo, em reportagens ao vivo sobre começo de nova estação, ou dias de sol na praia ou no clube. Apesar de não selecionados para este estudo, são numerosos os exemplos deste tipo.

c) o *selo*:

O *selo*, como definido na seção de Legendas da Análise de dados (ver página 08), é um *ícone* de fundo de tela (ou lateral da tela), cumprindo algumas funções: atualizar a semelhança do tema com a imagem, confirmar a pertinência de um tema como constante, e de importância, de referência. Por isso, apesar de conceituado por nós como um recurso *didático*, o selo também é um *agendamento*.

Encontramos os seguintes selos nesta pesquisa: o aquecimento global, o Congresso nacional brasileiro, a Previdência social brasileira, a Faixa de Gaza, o Risco Brasil (um indicativo econômico), o Governo da Venezuela, o Governo da Bolívia – muitos outros foram vistos no telejornal, em enunciados que não selecionamos para este estudo.

Vejamos o primeiro exemplo:

104. *(S) Nos Estados Unidos, responsáveis por um quarto das emissões de gases na atmosfera (...) os cientistas fizeram uma denúncia grave. Eles teriam sido procurados por grupos interessados em desqualificar o documento da ONU.*

O selo, no canto da tela, mostra uma foto estilizada do planeta terra, e raios de sol o ofuscando.

Salientamos que apenas temas como o aquecimento global, ou os assuntos do Congresso Nacional teriam um selo. Eles são elementos marcadores de uma

agenda, ou um compromisso com o telespectador, pois eles remetem o referente icônico ao objeto, de forma automática, pontuando que estes são capítulos de um assunto que o telejornal sempre retomará. Portanto, este recurso é dependente de se encontrar no contexto de um noticiário de caráter *nacional*. Pensando assim, poderíamos prever aqueles assuntos que são introduzidos pelo *selo*, e aqueles que não são – ou seja, pelos selos também vemos quais são as “vozes acessadas” (ver item 4.2.5) do telejornal.

Vejam os outros exemplos, lembrando que eles fazem parte da restrita seleção de enunciados que fizemos para esta pesquisa, sendo os selos, bem como os recursos visuais de tela, comuns durante todo o telejornal:

105. (S) *Nesta sexta-feira, dois países vizinhos do Brasil abocanharam mais empresas privadas. O governo da Venezuela vai pagar (...) à Companhia americana (...) de eletricidade, R\$... (ÍCONE: PRESIDENTE DA VENEZUELA)*
106. (S) *Um estudo divulgado hoje em São Paulo sugere o caminho que o Brasil deve seguir nas próximas décadas para encontrar novas fontes de energia... (ÍCONE: PLANETA TERRA)*
107. (S) *Mas, para economistas e pesquisadores, esta medida não vai resolver o velho problema do desequilíbrio nas contas... (ÍCONE:PREVIDÊNCIA SOCIAL)*
108. (S) *E mal acabaram de tomar posse, deputados e senadores já começaram a trocar de partidos. (ÍCONE:CONGRESSO NACIONAL)*
109. (S) *O Risco Brasil, aquele índice que mede a desconfiança do investidor estrangeiro no nosso país, caiu hoje ao menor nível da história, 178 pontos. No começo da noite, mantinha-se baixo, 180 pontos. Um dos motivos foi a decisão da agência americana de classificação de risco (FIT) de indicar uma perspectiva mais positiva da*

avaliação do Brasil... A bolsa de São Paulo chegou a bater recorde histórico de pontos... (ÍCONE: RISCO BRASIL).

d) os painéis:

O uso do Painel também nos sugere a busca por ser didático. Às vezes inteiros na tela, às vezes parciais, muitas vezes utilizados nas cotações dos chamados indicadores econômicos. Vejamos como se dá este tipo de didatismo, a partir dos seguintes exemplos observados:

110. (P) Faltou dinheiro, que o INSS foi pegar no tesouro, nos impostos que todos pagamos (...) 42 bilhões (...) Rombo, déficit? O governo diz que não.

111. (P) No mercado financeiro, o dólar interrompeu uma série de quatro dias em queda, e fechou a semana...

No exemplo número 110, expressões como *42 bilhões*, além de outras não transcritas aqui, entram na tela à medida que são pronunciadas oralmente. Esse recurso, diagramático, lembraria, por um lado, o quadro-negro escolar, com funções de fixação da mensagem – haja vista a imensa utilização que dele fazem, atualmente, os professores e alunos, principalmente nos cursos superiores. Por outro lado, remete às reuniões de executivos e de políticos. Portanto, o Painel é um recurso que o telejornal teria importado, confirmando nossa hipótese – e de acordo com a teoria de Gunther Kress (1989) (ver item 1.5.1) – sobre o hibridismo com que o telejornal, como *gênero discursivo*, se forma.

4.3.5

Um acidente anunciado

Este subitem terá caráter de apêndice, por trazer um grupo de reportagens sobre a crise nos aeroportos brasileiros, no início de 2007. Veremos enunciados de três edições diferentes sobre problemas no aeroporto de Congonhas, em São Paulo.

Pela frequência com que as reportagens apareceram em pelo menos três edições diferentes, em menos de uma semana, vemos que o aeroporto se tornou um problema, uma pequena novela em capítulos.

Sabemos que, no intervalo de tempo entre a coleta de dados e a análise de dados deste estudo, se passou um acidente aéreo fatal neste aeroporto. Portanto, nossa análise estará, inevitavelmente, influenciada pelo acontecido.

Vejamos, então, aquilo que (hoje) podemos considerar uma “crônica de um acidente anunciado”. Citaremos, nestes exemplos, as datas em que eles foram noticiados:

06 de fevereiro

112. (CH) *As chuvas de verão caem sobre São Paulo. E o aeroporto mais movimentado do Brasil pára de novo.*

Nesta chamada para o bloco seguinte de notícias, vemos a expressão *de novo* como uma *expressão denotativa*, ou seja, mais do que marcador verbal, aqui ela é uma expressão subjetiva, e está indicando um fato que, em se tratando de um aeroporto, não deveria estar acontecendo. Eis a reportagem, no corpo de notícias:

113. (NP) *em São Paulo, a chuva provocou transtornos no aeroporto de Congonhas...*

A expressão *transtorno* marca mais uma vez a questão do prejuízo, com o fechamento do aeroporto. Esta visão se tornará mais intensa, quando se passa à reportagem:

114. (RC) *Sete da manhã. Na pista principal do aeroporto mais movimentado do país há apenas um carro, com dois funcionários da INFRAERO. Eles medem a quantidade de água no asfalto, e decidem suspender pousos e decolagens. A parada, de quase uma hora, provoca atrasos...*

O começo da reportagem é próximo de uma narração literária, com o anúncio das horas, sem o uso de nenhum verbo: *sete da manhã*, um recurso incomum no telejornal, um elemento de surpresa, que, pela sua raridade, chama a atenção e marca uma *tensão*. É uma *enunciação*. A enunciação de um dia no aeroporto.

É também uma tentativa de denúncia, de uma situação, aparentemente, precária, do aeroporto. E mais ainda, é uma tomada de posição, em favor do cidadão, que é lesado com os atrasos.

Colabora para um caráter de denúncia a expressão *mais movimentado*, que não pode deixar de ser interpretada junto à expressão *apenas um carro* (na pista), onde *apenas* é uma palavra denotativa também de *pouca* coisa – como um juízo de valor. Assim, está sugerida uma crítica, com teor de impaciência, à demora do trabalho da empresa INFRAERO, ou então à situação precária do aeroporto. Preferimos a segunda interpretação. Vemos, no compromisso com a satisfação do cidadão, acima de tudo, uma tomada de posição a favor deste, ainda que saibamos, através de outras reportagens, que o telejornal também teria reportado, com detalhes, a questão da pista do aeroporto.

Acreditamos que, da maneira como segue a reportagem, o problema no asfalto – bem reportado – se torna secundário em relação ao problema do fechamento da pista e dos atrasos para os passageiros. Confirma isto a apresentação de entrevistas com passageiros:

115. (E) *Eu estou tentando ir pra Belém...* (passageiro1) (E) *A gente tem compromissos...* (passageiro2)

Segue a reportagem:

116. (RC) *Há dez dias, a ANAC determinou: a pista principal deve ser interditada toda vez que chover forte, e o acúmulo de água ultrapassar três milímetros. A decisão veio porque, em menos de um ano, três aviões derraparam (RV) Agora, com chuva ou com sol, três modelos de avião não poderão mais operar aqui em Congonhas. A decisão é da Justiça Federal, e vale a partir de quinta-feira. Para o juiz, R.C.F., o comprimento da pista não é*

suficiente para que essas aeronaves pousem com segurança. Principalmente em dias chuvosos. Os modelos são (...) A Ocean Air diz que a companhia não tem como se manter sem pousar em Congonhas.

Transcrevemos o enunciado 116 com o objetivo apenas de contextualizar este grupo de reportagens, segundo nossa intenção de acompanhar o tema, passo a passo. Mas lembramos que, no final, quando se dá voz à empresa Ocean Air, continua uma tendência a reportar aqueles que são *imediatamente* prejudicados com o problema. Vem, assim, uma entrevista com o presidente desta empresa:

117. (E) *Para qualquer empresa que opera com mais de vinte aeronaves, Congonhas é fundamental.* (Presidente da empresa Ocean Air)

118. (RC) *A ANAC informa que a interdição em dias de chuva é suficiente para garantir a segurança, até que a pista seja reformada; e que vai recorrer da decisão da Justiça. Com a proibição, vôos terão que ser transferidos para os aeroportos de Cumbica e Viracopos, mais distantes. Mesmo assim, segundo a ANAC, 10 mil passageiros por dia não teriam de onde viajar.*

Depois de dar voz aos cidadãos e às empresas, imediatamente prejudicados, vemos um espaço dado à ANAC, que por sua vez também se alia àqueles. Vemos isto, através da expressão *mesmo assim*, e em continuação, a informação de que *10 mil não teriam de onde viajar*. Acreditamos que esta é mais uma intensificação de um tom de alarme, que está sendo dado desde o começo do problema. Além disso, acreditamos que este alarme quer zelar pelo pronto atendimento ao cliente, e o bom funcionamento das empresas aéreas. O depoimento da diretora da ANAC confirmaria este tom de alarme, através da informação de que milhares de passageiros teriam que se locomover para o Rio de Janeiro, a 350 km de distância, para embarcar:

119. (E) *As empresas aéreas teriam então que transportá-los de ônibus, até o Rio de Janeiro, para que aí sim, eles pudessem embarcar. Mas*

já sabemos de antemão que haverá um problema de desassistência a passageiros que já compraram passagens, especialmente neste período pré-carnaval. (D.A, Diretora da ANAC)

Podemos inferir, por esta parte do depoimento, além do alarme, ainda um caráter de ameaça a um possível transtorno maior, com o traslado e o embarque no Rio de Janeiro se tornarem uma possibilidade quase *absurda*.

07 de fevereiro

120. (NP) *O Tribunal Regional Federal em São Paulo revogou a decisão que proibia a operação de três determinados modelos de avião no aeroporto de Congonhas a partir de amanhã. Só ficou mantida a suspensão de pousos e decolagens em caso de chuva forte, quando houver acúmulo de água na pista.*

08 de fevereiro

121. (CH) *A seguir: (...) a forte chuva provoca inundações em São Paulo e fecham [...] de novo o aeroporto de Congonhas (NP) A chuva forte fechou hoje por [...] cinco vezes a pista principal do aeroporto de Congonhas. É o mais movimentado do Brasil (RC) Por causa da chuva, os pousos e as decolagens foram interrompidos por quatro vezes, esta manhã. A medida segue determinação da ANAC e da Justiça, até que a pista principal seja reformada. Bem no horário de pico foram mais de 50 atrasos, situação que aumenta as preocupações com o carnaval.*

As pausas de entonação reiteram a postura dos jornalistas, nos *leads* ou nas reportagens, de assumir a voz do cidadão, passageiros prejudicados por atrasos nas viagens. São pausas marcadoras de impaciência. A frase *é o mais movimentado do Brasil* lembra novamente o tom de denúncia. A palavra *bem*, em *bem no horário de pico*, leva a denúncia quase ao estado de reclamação, pois o falar jornalístico, neste caso, teria assumido o caráter de uma voz cidadã. E

notamos mais uma vez a preocupação com o carnaval, ou seja, um tom de alarme, ou de ameaça.

Assim, pautamos esta série de reportagens por denúncias, onde as expressões que nós destacamos operam uma aproximação com o público que utiliza o serviço de aviação, e com os prestadores do serviço – empresas aéreas e ANAC.

Pelo menos na abrangência destes dados coletados, não encontramos um aprofundamento da questão da segurança dos passageiros. O fator mais enfatizado foi a impaciência dos mesmos.

Sabemos, então, que prevaleceu a decisão do Tribunal Regional Federal de São Paulo. O acidente, fatal, se deu num dia de chuva. O modelo de avião acidentado era um dos modelos que a Justiça Federal havia proibido de operar. A pista principal estava reformada, mas foi liberada antes do prazo. Nos momentos anteriores ao acidente, a ANAC teria avaliado a pista, e a liberado.

4.4

Metáforas Semióticas

A nossa conceituação de *metáfora semiótica* se encontra no item deste estudo relativo às *Hipóteses* (ver item 1.4).

Esclarecemos que toda metáfora é uma operação semiótica, na medida em que opera *semas* – “propriedades” semânticas –, que vão negociar significados no mundo. O nome que atribuímos a este tipo de metáfora, *metáfora semiótica*, é apenas para frisar que ela opera dois processos ao mesmo tempo: evidencia tanto o lado literal da expressão quanto o lado metafórico. E em sua versão texto/imagem, opera nos níveis verbal e visual.

Nos exemplos a seguir, a descrição das imagens, para se que possa fazer a associação com o texto, será descrita em letras maiúsculas, entre parênteses, ao final de cada enunciado.

Destacaremos, dentro do enunciado, a expressão verbal que faz par ao significado apontado pela imagem.

122. (RC) *Ronaldo sabe que vai ter que **suar a camisa** pra voltar a fazer gols. Um desafio que ele já decidiu encarar. (JOGADOR CORRENDO)*

A expressão idiomática *suar a camisa*, que, como expressão idiomática, está num sentido figurado, é ilustrada, pela imagem, com o jogador correndo, literalmente *suando* sua camisa.

123. (RV) *Antes do fim do ano, um terceiro relatório vai trazer as ações necessárias para **frear a velocidade** dessas mudanças. (SEGUNDO PLANO: BARCO NAVEGANDO DEVAGAR POR UM CANAL)*

Texto e imagem se interpenetram semanticamente, sendo a imagem uma “fonte inspiradora” do texto – ou vice-versa, o texto inspirador da imagem –, ou seja, vemos que o verbo *frear* está acompanhado, pela câmera, de um barco navegando, e passando bem devagar ao fundo, atrás da repórter.

O texto se refere a *frear*, no sentido metafórico: *frear a velocidade das mudanças*, enquanto a imagem mostra o lado “literal” desta expressão, ou seja, o frear de um motor de um veículo.

Não questionaremos, em tais metáforas, quem seria inspiração para quem, se o texto para a imagem, ou vice-versa. Deixamos esta conclusão para os próprios repórteres, que reconhecem quando têm nas mãos um bom material narrativo, e quando o sabem aproveitar.

124. (RV) *Nas vinícolas, a tradição se encontra com a tecnologia (...) fartura celebrada na festa nacional do vinho (...) o vinho é **personagem principal** também neste espetáculo... (PERSONAGENS DA FESTA DO VINHO)*

125. (RV) *Na ótica, **nem com lentes** é possível enxergar o preço. (PREÇOS DE ÓCULOS EM VITRINE DE UMA ÓTICA)*

126. (RC) *Qual a **distância** entre Genebra, na Suíça, e a favela da Chacrinha, no Rio de Janeiro? Para R. e M. (...), e A. ..., ela é*

curta. *Dois mundos tão diferentes ficaram próximos. (CÂMERA ACOMPANHA DISTÂNCIA DOS MENINOS JOGANDO NUMA QUADRA)*

127. (RV) *Os prédios, a orla, os turistas, Balneário de Camboriú em dia de Copacabana, para receber o **mini-pan-americano.** (BEBÊ NO MAR)*

128. (RV) *Ótimo público, vitória brasileira. Que tudo **corra** mesmo como uma prévia do que vai acontecer em julho (no Pan-americano). (CORRIDA DE BICICLETA)*

129. (RC) *Saem do forno quilos e quilos de castanhas torradas (...) Para Dona A., um **tesouro** que ela **guarda em cima do colchão...** (ESTOQUE DE CASTANHA SOBRE UMA CAMA) *Falta espaço para tanta produção...**

Precisamos observar que há aqui uma intertextualidade com a expressão *guardar debaixo do colchão*, esta uma expressão idiomática do português do Brasil, significando “guardar com segurança” algum bem, geralmente dinheiro.

130. (RV) *As letras ainda são um mistério para a menina de 12 anos. Analfabeta (...) **Tão longe, e tão perto** de uma sala de aula (UMA GAROTA AO FUNDO E CÂMERA SE APROXIMANDO DELA). Ela mora dentro de uma escola pública [...] abandonada.*

131. (RC) *Pequim já mostra as cores das Olimpíadas, menos [...] o azul do céu (...) Aqui, o sol nasce **derrotado** todos os dias (...) A capital da China foi crescendo e deixando os **problemas no meio do caminho** (ENGARRAFAMENTO DE TRÂNSITO).*

Neste exemplo, além da metáfora semiótica apontada, com a imagem no engarrafamento e o texto falando em *problemas no meio do caminho*, temos também uma outra metáfora semiótica, que está na relação entre a expressão

derrotado e o tema da reportagem, os Jogos Olímpicos. Esta relação não passa pelo fator visual, sendo apenas um contexto metafórico verbal.

A narrativa jornalística atual tem se pautado, em seus textos, neste tipo de recurso, de tratar um assunto, narrativamente, utilizando palavras do campo semântico deste mesmo assunto.

A seguir, apontamos os exemplos de metáforas semióticas desse tipo. Note-se como não será a imagem que fará o par com o texto, mas o texto, apenas, trará as marcas lingüísticas dos dois tipos de interpretação da mensagem (o literal e o metafórico):

132. (RC) As **piscinas**, os **ginásios** e os **estádios** do PAN estão na **reta final** de construção.

133. (RC) Procura-se mão-de-obra para a **construção civil** (...) Seu José cansou de ser vendedor de doces. Pra **construir** outra vida, ele faz um curso técnico. Quer virar pedreiro.

Veja-se neste enunciado uma série de aproximações lingüísticas, na construção de um enunciado prosaico (*Seu José cansou de ser; pra...; outra vida; virar*).

134. Uma paixão que está na **alma** dos pernambucanos (...) e também na **ponta dos pés**: as bailarinas (...) viraram passistas. (BAILARINAS CLÁSSICAS DANÇANDO FREVO, NA PONTA DOS PÉS)

135. E terminou hoje em Paris a conferência que colocou o clima, inclusive o **degelo** das calotas polares no **topo** das preocupações mundiais, ao associar a mão do homem aos riscos provocados pelo aquecimento global.

136. (NP) Os produtores de **vinho** do Rio Grande do Sul têm um bom motivo para **brindar**...

137. (RV) *Uma vez por ano os candeeiros ocupam as ruas da cidade. As luzes das velas e lamparinas tornam visível a devoção dos fiéis, que chegam de todo o Nordeste... (PROCISSÃO DE PESSOAS CARREGANDO VELAS) (...) Todos que participam se sentem iluminados. (VELAS)*
138. (RC) *Do fogo, vêm as peças que produzem chamas (...) Os comerciantes de Juazeiro do Norte também agradecem à venda de candeeiros... Nas casas, a chama não se apaga nunca.*
139. (CH) *A seguir (...) uma astronauta tenta seqüestrar e matar a rival num triângulo amoroso. (LETREIRO: GRAVIDADE)*
140. (CH) *A seguir (...) um acidente trágico em Minas Gerais. (LETREIRO: UMA CARRETA NO CAMINHO)*

Neste exemplo, mesmo que se trate de um tema sério e trágico como um acidente fatal, há uma permissão para a metalinguagem, que é a utilização da *metáfora semiótica*. O letreiro pode ser interpretado de três formas: uma vez, com a palavra *caminho* como metáfora, significando *percurso*. Depois, num sentido literal, em que *caminho* é a estrada onde se passou o acidente. Uma terceira interpretação nos faria lembrar uma intertextualidade explícita com o poema de Carlos Drummond de Andrade, “No meio do caminho”, que é um *ícone* do trabalho do poeta, sendo o poeta um *ícone* do estado de Minas Gerais.

Questionamos se esta intertextualidade é adequada ao tema da reportagem. No exemplo a seguir, uma metáfora que, se não é totalmente semiótica, pode sugerir uma – com grande ganho narrativo.

141. (RC) *Em menos de 24 horas, o Congresso ficou com a cara diferente. E pode ser apenas o começo de uma debandada de parlamentares dos partidos pelos quais eles foram eleitos... (IMAGEM: CÂMARA DOS DEPUTADOS LOTADA, VISTA DE CIMA, CÂMERA ALTA)*

Como dissemos no comentário a este enunciado (ver exemplo número 17), estabeleça-se uma correspondência entre bando de pássaros e a posição da câmera, *câmera alta*, filmando de cima.

Para terminar este item, um exemplo de uma reportagem cujo tema é um novo sistema de controle de passaportes no aeroporto, quase em operação:

142. *Agora falta o governo dar o sinal verde...*

4.5

Metáforas Estruturais

Seguindo os critérios classificatórios de Lakoff & Johnson (1980), da lingüística cognitiva (ver item 2.5.1), veremos algumas metáforas que julgamos de *caráter estruturador de conceitos*.

Não comentaremos cada item, a não ser que o exemplo o requeira. Por isso, as expressões que queremos ressaltar, que definem as metáforas, aparecerão em destaque em relação ao enunciado todo.

Usaremos letras maiúsculas para as metáforas conceituais (que são os grupos conceituais, em torno dos quais giram as metáforas estruturais), mantendo a forma utilizada pelos pesquisadores desta teoria, como está em sua obra que investiga quais seriam as “metáforas da nossa vida cotidiana” (Lakoff e Johnson, 1980).

As metáforas que aparecem com maior sistematicidade são aquelas que realmente contarão, na nossa conclusão. Este caráter sistemático (ver item 2.5.1), de que falam os autores supracitados, se traduz, resumidamente, em que uma metáfora conceitual, a princípio uma idéia na mente cultural do falante, se torna visível através da linguagem, em várias instâncias enunciativas em que esta idéia se faz presente, tidas como *metáforas estruturais*.

Veremos, a seguir, dois conceitos, ou metáforas conceituais (POLÍTICA É GUERRA e ECONOMIA É SAÚDE), de maior sistematicidade, e outros com baixa sistematicidade. Estes últimos seriam apenas exemplos de metáforas potencialmente conceituais, e não farão parte de nossas conclusões. Mas compõem o – que chamaremos – imaginário realístico do telejornal – a sua *mitologia*.

POLÍTICA É GUERRA

143. (S) *os partidos aliados ainda estão avaliando os estragos causados pela disputa entre eles na eleição para a presidência da câmara (RC) O PT vibrou (...) O ex-presidente, A.R., (...) lamentou a derrota (E) Haverá maior independência desses partidos (...) em relação ao PT, mas isso não significa nenhuma ameaça (A.R., candidato derrotado) (RV) O novo presidente disse que o resultado não deixará feridas na base (E) É só uma discreta canelada (nos outros candidatos do próprio partido) (...) creio que todos aqui têm maturidade para entender que a disputa acabou (A.C., eleito presidente da Câmara dos Deputados) (RV) Mas por ironia foram os votos da oposição que garantiram a vitória do petista (RV) O tamanho do estrago só vai aparecer quando o governo precisar de votos no plenário.*

Vimos como Lakoff & Johnson (1980) conceituaram a metáfora *discussão é guerra* (item 2.5.1). Veja-se também a sistematicidade de termos metafóricos da guerra para o tema da política, numa única reportagem, e em seqüência. Poderíamos juntar estes dois comentários, e sugerir que, em nossa sociedade, a *discussão*, bem como a *política*, é vista com os termos de uma guerra. E veja-se também como o tema da política também é visto pelas metáforas do *jogo* – lembrando o que mencionamos, sobre a transformação de candidatos em vedetes, num modelo de “disputa final” bipolar, bipartidário.

Podemos notar como os termos *disputa*, *guerra* e *jogo* se somam e se misturam na interpretação de metáforas da política e do processo eleitoral:

144. (E) *A gente precisa de políticas energéticas mais agressivas no sentido da eficiência e das fontes renováveis. Para isso, a gente precisa da pressão da sociedade. (A.G., professor da USP)*

145. (RV) *A atitude do prefeito repercutiu imediatamente (...) A oposição, e mesmo os partidos aliados, condenaram o comportamento de K... (RV) O apoio veio do partido dele.*

146. (NP) *o presidente do TSE (...) reagiu à proposta de congelamento dos salários dos magistrados (...) Hoje (...) o ministro **desafiou** os parlamentares a trocar de salário com ele.*
147. (NP) *O Brasil **comemora** a restrição de importação dos Estados Unidos de cadernos asiáticos (...) (RC) O Brasil **ganhou** na **briga** dos Estados Unidos com países asiáticos. O governo americano criou **salva-guardas** para proteger a indústria gráfica local, e suspendeu a compra de produtos da China.*
148. (RV) *Os maiores partidos perdem dinheiro. E eles já **reagiram**.*
(sobre mudança na lei de cotas financeiras a partidos políticos)
149. (RC) *A **disputa** pela presidência dos Estados Unidos ganhou mais um candidato: um dos políticos mais conhecidos do país (...) G. tem uma vantagem: o país inteiro conhece o ex-prefeito de Nova York, que **enfrentou** as consequências do pior **ataque** terrorista da história americana.*
150. (RV) *Mas ainda faltam quase dois anos para a eleição. Até lá, os **ataques** de parte a parte podem mudar a opinião do eleitorado. G. **venceu** o câncer e a máfia (...) e diz que abraçou mais essa **luta**, porque sabe que pode ser eleito (...) Mas, para que possam se **enfrentar** nas urnas, G. e H.C. precisam antes...*
151. (RC) *O presidente G.B. **desafiou** o país (EUA) a reduzir em até 20% o consumo de gasolina nos próximos 10 anos.*
152. (RV) *esse vai e volta (do valor do ICMS) é um lance da **guerra** fiscal entre os estados.*
153. (RC) *Para evitar uma **derrota** legal, o governo paulista decidiu...*

POLÍTICA É UM CAMINHO

154. (RC) *Os presidentes da Câmara e do Senado falaram no mesmo tom. A.C. prometeu realinhamento das prioridades na Câmara. E.R.C. disse que o PAC, que hoje é a menina dos olhos do governo, será o primeiro passo do Congresso.*

Notamos o uso da metáfora *tom*, uma metáfora da linguagem, no caso a linguagem verbal. A expressão *menina dos olhos do governo* enfatiza a *cobiça*. *Falaram no mesmo tom*, e *menina dos olhos do governo* são metáforas da oralidade, e também expressões idiomáticas. *Primeiro passo* seria a metáfora do *caminho*. Notamos, com os enunciados do exemplo a seguir, uma confirmação do campo semântico de *caminho* para o campo de *política*:

155. (E) *O papel do Congresso (...) é pisar fundo nas reformas estruturais que estão inibindo os investimentos internos e externos (A.C., Presidente da Câmara dos deputados) (RC) Para os líderes governistas, o primeiro passo mesmo é a Reforma Ministerial. (E) Todos nós sabemos que o que está em jogo não é a sobrevivência de um partido político ou de uma pessoa; o que está em jogo é o destino desse país. (L.I.L.S., Presidente da República)*

Notamos, no pronunciamento do Presidente, a referência direta ao *jogo*, com uma lembrança à *guerra*, e novamente a referência, indireta, à *guerra*, com a expressão *sobrevivência* (de um partido, após uma disputa eleitoral interna).

156. (NP) *Venezuela e Bolívia dão novos passos na estatização de empresas estrangeiras...*

PAZ É GUERRA

157. (E) *A melhor maneira e mais rápida de conquistar a paz é continuar na ofensiva, disse G. (a respeito do combate ao terrorismo)*

PAZ É UM RECURSO

158. (RC) *Os conflitos entre as duas facções não cessaram nem durante as negociações de paz* (sobre os grupos políticos palestinos H. e F.).

Este último exemplo, cuja inclusão em uma lista metafórica é questionável, pois guerra supõem diretamente conflito, não deixa, entretanto, de sugerir que a paz esteja presente dentro do contexto semântico de *negociação*. De onde podemos destacar uma possível conceitualização metafórica do tipo *Paz é um recurso*.

ECONOMIA É SAÚDE

Assim como o conceito *política é guerra*, é grande a sistematicidade que uniria *economia e saúde*:

159. (RV) *Este economista do IPEA acha que o importante é **equilibrar** as receitas e despesas da previdência.*

O tema economia está ligado metaforicamente ao campo semântico de *saúde*, através da expressão *equilibrar*, o que também pode ser observado a seguir:

160. (RV) *Para tentar **equilibrar** as contas, a Casa Branca sugeriu **cortes** nos programas de Previdência e Assistência médica. Mas a proposta de orçamento não foi **bem recebida**.*

As expressões *equilibrar as receitas*, e *equilibrar as contas*, são *metáforas orientacionais*, ou seja, vêm da noção do corpo físico humano no mundo. São, ao mesmo tempo, um valor positivo de saúde. Baseando-se nesta idéia de saúde, é possível ao governo americano se colocar como o detentor do saber medicinal, e tratar as contas como um paciente (*cortes nos programas*). Se levarmos em conta esta interpretação, *proposta* pode ser vista como um remédio, *cortes* pode ser

visto como uma ação medicamental, e *não foi bem recebida* pode ser vista como um efeito colateral.

Relacionando-se este campo metafórico de saúde com o assunto de que trata a reportagem, Previdência e Assistência médica, temos coerência semântica em nível ainda maior. Outros exemplos são (destacaremos as palavras que sugerem a idéia de saúde):

161. (NP) *A produção industrial brasileira **creceu** 2,8% em 2006. Segundo o IBGE, apesar da queda em relação ao ano anterior, o **crescimento** no terceiro semestre demonstra o início de um **processo de recuperação**. O segmento de máquinas para escritório (...) **creceu** mais de 50%...*

162. (NP) *segundo o IBGE, a indústria nacional começou a **dar sinais de recuperação**.*

163. (RC) *Para não depender de ninguém e não **ficar no vermelho**, o dono dessa granja encontrou uma saída...*

Todos os dias, temos o valor do dólar, cotação cuja variação lembra a mudança de estado físico de uma pessoa:

164. (S) *O dólar fechou o dia praticamente **estável**.*

JOGO É GUERRA

A lista de exemplos desta metáfora poderia ser mais extensa. Não transcrevemos todos os exemplos que comparecem, sistematicamente, mas temos, de antemão, que o conceito de jogo é, ele próprio, uma metáfora da guerra. O jogo esportivo, que é o tipo de jogo que estamos interessados em comentar, é uma disputa. Portanto, não só nos dispensamos de mostrar a sistematicidade com que aparecem no discurso jornalístico, como também sugerimos um imbricamento conceitual entre política/ guerra/ jogo, ou seja, onde haja a metáfora *política é guerra*, pode-se ler, também, *política é jogo*. Pois, como queremos, *jogo é guerra*:

165. (RC) No **comando** do time há pouco mais de seis meses...

166. (RC) E no **duelo** gaúcho entre D. e F., o técnico do penta (campeonato de futebol) comenta a vitória de Portugal contra o Brasil...

LEI É UMA MATÉRIA

167. O Supremo Tribunal Federal **derrubou** a Cláusula de Barreira, que reduzia o repasse aos pequenos partidos (repasse de verbas).

COMÉRCIO É JOGO

168. (RC) O caderno brasileiro se tornou num **campeão** de vendas...

ASSALTO É OBRA DE ARTE

169. (NP) Seis agências do Banco do Brasil foram assaltadas hoje em cidades do interior de quatro estados (...) a Polícia Federal suspeita que os assaltos tenham sido **orquestrados** conjuntamente por diversas quadrilhas...

Finalizando este capítulo, traremos um exemplo de *Alegoria*, conceituada por nós como um enunciado de sistematicidade e analogia metafórica total, em carga máxima. Uma alegoria é uma metáfora superdimensionada. É um texto construído com sistematicidade metafórica total, ou seja, um paralelismo que se verifica do início ao fim, e tão evidente, que o locutor mesmo anuncia estar fazendo uso dela – *não seria demais dizer que todo jogo tem um enredo* (exemplo 170, a seguir). A partir dali, ele começa o paralelismo, que vai se estender por toda a reportagem, numa coerência metafórica preservada em todas as correspondências analógicas entre o universo narrado e o universo referencial.

170. (RV) (sobre os técnicos de futebol) *Já que estamos perto do carnaval, não seria demais dizer que todo jogo tem um enredo. As diversas alas de um time desfilam pelo gramado, contando uma história. Alguns personagens são figurantes, outros são destaques. E nesse Brasil e Portugal de amanhã, sem dúvida os grandes destaques estarão fora de campo (...) De um lado, F. (...), do outro, aquele que herdou a velha missão de todo técnico de seleção brasileira: a de matar um leão por dia. Até agora, D. vem se mostrando um exímio caçador. Mas o leão de amanhã costuma rugir alto e forte. E atende pelo apelido de F.*

Ao final, vemos que houve um acréscimo semântico para o campo de *caça e caçador*, também com caráter alegórico (além de sistemático, também analógico).

Nesta (s) alegoria(s), há algo também pertinente a uma análise funcional, e que diria respeito à sugestão de conceitos socialmente aceitos, a partir da sua veiculação “automática” (ver item 1.5.2). Dizer que *todo técnico de seleção brasileira tem que matar um leão por dia*, uma afirmação que sintaticamente está posicionada como uma oração subordinada, seria, automaticamente, estar assumindo esta proposição como já efetivamente aceita socialmente.

Notamos ainda, na referida oração principal, quatro expressões enfáticas: *herdou*, sugerindo peso da tradição, respeito, responsabilidade, *velha* e *missão*, uma confirmando esta tradição institucionalizada, outra supervalorizando o trabalho do técnico, e *todo técnico*, uma idéia que sugere a impossibilidade de algum técnico da seleção escapar desta responsabilidade.

Esta alegoria, último exemplo de nosso *corpus*, também não deixa de simular, mencionar, renovar a idéia de competitividade, comum quando se trata de jogo – e também guerra e política –, como pudemos observar neste item.